

## INQUERITOS GEOGRÁFICOS

### ETNOGRAFIA

Inquérito científico solicitado pela Presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ao Consultor Técnico respectivo, em virtude da Resolução n.º 37, de 4 de Maio de 1939, do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia.

#### QUESITOS :

- a) — Qual o conceito moderno, o estado atual dos conhecimentos e dos métodos de pesquisa referentes à Etnografia ?
- b) — Que opinião tem sobre a situação atual no Brasil, das pesquisas efetuadas e do emprêgo dos métodos modernos quanto à Etnografia ?
- c) — Que medidas sugere para que o Conselho Nacional de Geografia, dentro das suas atribuições, promova o aperfeiçoamento e a intensificação, no país, das pesquisas sobre Etnografia ?
- d) — Que bibliografia indica sobre os assuntos constantes do presente questionário ?

Para cooperar razoavelmente, em espírito de modesta contribuição cultural sobre a especialização de um ramo da Antropologia, deficientemente difundido no Brasil, apesar da existência do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do Museu de São Paulo e do Museu Goeldi de Belém do Pará, permito-me a liberdade de apontar indicações dos Mestres na matéria, nacionais e estrangeiros, que do magno assunto tratavam e tratam, desde a sua penetração no Brasil e na América equatorial.

O problema comporta observações as mais vastas e as mais complexas, se quisermos percorrer tão dilatada campanha em que os naturalistas se perderam em congetações antropológicas sobre o berço do Homem primitivo e consequências de sua existência e desenvolvimento.

Dada a restrição dos quesitos limitar-nos-emos a considerações bastantes que em síntese abranjam as questões primordiais da sua interpretação fundamental.

Devemos antes de tudo render justa homenagem aos beneméritos Padres Jesuítas que Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Antônio Vieira e Fernão Cardim sintetizam, como os etnógrafos primários que pisaram a *Pindorama* dos legítimos brasileiros pelos lusitanos denominada Terra de Vera Cruz.

Entre os demais que surgiram sobressaem Montoya, Restivo, Figuera, Batista Caetano e o incomparável poeta lírico Gonçalves Dias, cantor dos *Timbiras*, que iniciou o estudo da língua tupi no esboço de gramática conhecido dos estudiosos da Etnografia.

Seguem-se os Diretores do Museu Nacional, destacando-se o antepenúltimo, antropólogo conhecido no meio científico do Brasil e do estrangeiro, como abalizado biólogo, o simpático Dr. Roquete Pinto. Antes dele ocuparam-se do estudo da Etnografia brasileira os Diretores Ladislau Neto e Lacerda, esforçados cientistas que tentaram penetrar os mistérios das raças ameríndias.

A atual Diretora, Professora Heloísa Tôrres, encaminha os estudos etnográficos e etnológicos pelos métodos modernos da escola americana.

Do Museu de São Paulo destacaremos Von Ihering e o erudito Dr. Afonso de Taunay; do de Belém do Pará o seu fundador Dr. Emilio Goeldi, a Dra. Emília Snethlage, e o atual Diretor, Dr. Carlos Estêvão, apaixonado etnógrafo que neste momento estuda nos sertões de Pernambuco a língua fugitiva dos remanescentes da tribo Carirí, missionada em 1671, no vale do *São Francisco*, pelo Padre capuchinho Martin de Nantes. Não devem ser esquecidos Alexandre Rodrigues, Ferreira Pena, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Basílio de Magalhães, Stradelli, Rodolfo Garcia, Teodoro Sampaio, e o muito modesto, estudioso etnógrafo da Comissão Rondon, João Barbosa de Faria, cujos trabalhos inéditos sobre os índios *Bororo*, *Paricí* e *Terena*, além dos vocabulários coligidos *in loco* dos índios *Quepqueriat*, *Ariquemé*, *Nhambiquara*, *Tacuatep*, *Parnauat*, *Ipoteuat*, o recomendam à simpatia dos mestres da Etnografia nacional.

Manda a Justiça histórica colocar à frente dos Etnógrafos estrangeiros que no Brasil se preocuparam com esse ramo da Antropologia, o nunca assás lembrado Dr. Carl Freder. Phil. von Martius, predecessor da Etnografia indígena que publicou em 1863 na Cidade de Erlangen (Baviera) o seu tradicional livro "*Glossaria Linguarum Brasiliensium*"; glossários de *diversas línguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil*", e em 1867 o volume, recentemente traduzido para o português: "*Zur Ethnographie Americas zumal Brasiliensis*" —, reeditado para comemorar o 1.º Centenário da "*Flora Brasileira*" —, de estrondosa repercussão.

Além de grande número de naturalistas que na América do Sul e especialmente no Brasil em comêço do século XIX viajaram, dentre os quais destacam-se Saint Hilaire e o príncipe de Wied Neuwied, que percorreu boa parte do território nacional de 1815 a 1817, não devemos olvidar o célebre etnógrafo alemão Von den Steinen, digno sucessor de Martius, e Ehrenreich, companheiro e continuador infatigável do chefe das Expedições às Cabeceiras do *Xingu*, em 1884 e 1887 a 1888, os quais se colocam à frente dos modernos pesquisadores da Etnografia e Etnologia americanas, caracterizados pelos etnologistas franceses, Rivet e Montandon, americano Roberto Lowie e recentemente o Professor de Etnologia da Universidade de Barcelona — Luiz Pericot.

## PROBLEMA ETNOGRÁFICO

### PREÂMBULO GERAL

Se a Etnografia, de um modo genérico, tem por fim, como ramo intrínseco da Antropologia, o estudo das manifestações materiais da atividade humana, e se a Antropologia, ou Estudo do Homem, na sua acepção filosófica, positiva, "pode ser concebida absorvendo, a título de preâmbulo, a Biologia, e a Moral como conclusão", está bem claro que o estudo especificado do ramo da Ciência fundamental, que vai ocupar a nossa atenção, requer conhecimento das leis gerais da Biologia, Sociologia e Moral.

Pois, não se pode pesquisar em Etnografia sem se preocupar com a Etnologia, outro ramo da Antropologia, e, por conseguinte, sem conhecer as leis dos fenômenos que regulam a vida do Homem, da sua existência individual e da sua ação na coletividade humana.

Como "os seres vivos seguem sempre as leis mais gerais da ordem material" claro é que além do conhecimento indispensável, acima apontado é necessário ter o das ciências que estudam os fenômenos inorgânicos, cuja sede é o planeta humano —; isto é, preciso será que o pesquisador da Etnografia, de um modo sintético, conheça as leis gerais dos fenômenos físicos e matemáticos; fundamento lógico, aliás, daqueles fenômenos mais nobres. Em uma palavra, que o pesquisador não ignore as leis intrínsecas dos fenômenos que dominam a Terra e o Homem. Todas as manifestações da inteligência humana se prendem à Etnografia, ao passo que todos os caracteres físicos da casta humana, considerada dividida em grupos biológicos, ou raças, dizem respeito à Etnologia, que trata da formação desses caracteres físicos peculiares a cada raça.

Augusto Comte afirma que "a verdadeira teoria biológica das raças resulta da concepção de Blainville, que representa essas diferenças como variedades devidas ao meio, mas que se tornaram fixas, mesmo hereditariamente, logo que atingiram a sua maior intensidade".

Em virtude da concepção do célebre naturalista de Arques, afirma o Filósofo de Montpellier ser possível "construir subjetivamente uma doutrina essencialmente de acórdio com as únicas diversidades apreciáveis objetivamente nos diferentes grupos biológicos da espécie humana". Donde lógica e racionalmente surgirá a classificação das diversidades objetivamente verificadas na espécie humana em três grupos, ou raças distintas: branca, amarela e preta. Pois que, "as unicas diferenças essenciais e duráveis, afirma A. Comte, que se podem ter desenvolvido, são as que se referem ao predomínio relativo das três partes fundamentais do aparelho cerebral: especulativa, ativa e afética". Tais são, portanto, segundo a concepção positiva dos fenômenos biológicos, as três raças, que caracterizam a espécie humana. "Cada uma delas é superior às outras duas, ou em inteligência, ou em atividade, ou em sentimento", segundo as observações precisamente científicas.

Por isso, sentença ainda o Fundador da Sociologia e Moral, "esta apreciação final deve demovê-las de todo desdém mútuo, e fazer-lhes igualmente compreen-

der a eficácia do seu concurso íntimo para acabar de construir a verdadeira concepção abstrata da Humanidade", Gran-Ser que domina a Evolução Humana.

Humboldt, condenando a deplorável doutrina, sistematizada na Política de Aristóteles, da desigualdade do direito à liberdade entre os homens, e da escravidão como instituição fundada sobre a Natureza, "concorda com a teoria da unidade da espécie humana, *Homo sapiens*, mas rejeita, por uma consequência necessária, a distinção irracional de raças superiores e de raças inferiores.

"Sem dúvida, diz o grande geógrafo berlinense, naturalista de nomeada, Alexandre Humboldt, há famílias de povos mais suscetíveis de cultura, mais civilizadas, mais esclarecidas, mas não há umas mais nobres que as outras. Tôdas são igualmente organizadas para a liberdade, para essa liberdade que, num estado de sociedade pouco adiantada, cabe somente ao indivíduo, mas que em associações já bastante desenvolvidas, toca à comunhão inteira".

O Barão de Humboldt, filólogo e estadista, irmão do naturalista criador da Geografia Botânica, acrescenta: "Uma idéia que se revela através da História, nela estendendo seu salutar império cada dia que passa; uma idéia, que melhormente demonstra o fato frequentemente contestado, porém raramente compreendido, da perfectibilidade geral da espécie, é a idéia objetiva da humanidade. Diz o estadista prussiano, é essa idéia que faz cair as barreiras que dos preconceitos inferiores e dos interesses egoísticos, de toda sorte, se levantam entre os homens, e faz encarar a espécie humana, em seu conjunto, sem distinção de religião, de nação, de cor, como uma grande Família de irmãos, como um corpo único, marchando para um só e mesmo fim, o livre desenvolvimento das forças morais. Esse objetivo é o fim final, o fim supremo da socialidade, ao mesmo tempo que é a direção imposta ao homem por sua própria natureza, para o indefinido engrandecimento de sua existência".

Que diferença dos tempos! Entre um prussiano do século passado e o do atual! Entre a Alemanha de Frederico 2.<sup>o</sup>, precursor político da regeneração final, e a grande Alemanha materialista destes tristes tempos!

Humboldt, o Naturalista, e o Humboldt filólogo e estadista sentiram, empiricamente, o que A. Comte sistematizou com as descobertas das leis das ciências finais da ordem humana.

O mais sábio dos Filósofos afirma: "Quando o Positivismo houver saneado uniformemente o planeta humano, estas distinções orgânicas (de raças) tenderão a desaparecer, em virtude mesmo de sua origem natural, e sobretudo mediante dignos casamentos. A combinação crescente dessas raças nos proporcionará, sob a direção sistemática do sacerdócio universal, o mais precioso de todos os aperfeiçoamentos, aquele que diz respeito ao conjunto de nossa constituição cerebral, assim tornada mais apta para pensar, agir, e mesmo amar".

A Humboldt se refere ainda, a respeito da unidade da raça humana, à observação lógica de J. Müller sob o ponto de vista biológico das raças animais, atribuída ao gênero humano: "As raças humanas são as formas de uma espécie única, que se juntam e se perpetuam pela geração." Não são espécies de um gênero. Se assim fôsse, cruzando-se tornar-se-iam estéreis. Saber, porém, se as raças de homens existentes descendem de um ou de muitos homens primitivos, é o que se não poderia descobrir pela experiência".

O Dr. George Montandon, Professor de Etnologia da Escola de Antropologia de Paris, é de opinião que não há berço do gênero humano, nem berço das raças humanas.

O argumento do culto etnólogo se baseia no seguinte raciocínio: "A espécie humana, como toda espécie zoológica, teve origem em uma imensa área do nosso Planeta. Os indivíduos da nova espécie descendem de todos os indivíduos da espécie ascendente, donde se pode concluir que o fenômeno se produziu sobre uma extensa área da Terra — Todo mundo sabe que o *Homo-sapiens* tem uma força de expansão especial, por ser a espécie zoológica espalhada sobre toda a Terra, e pela simples razão de ser o ramo retardatário por excelência do Mundo animado".

Alexandre Humboldt raciocina logicamente dizendo: "Tem um caráter puramente fabuloso as investigações geográficas a respeito do berço da espécie humana". E Guilherme de Humboldt afirma: "que não nos sendo conhecido nem historicamente, nem por nenhuma tradição incontestável, um momento em que a espécie humana se haja separado em grupos de povos, não nos é lícita uma afirmação positiva sobre aquela origem. Se este estado de cousas existiu

1 Uma das leis da Biologia.

desde a origem ou se foi produzido mais tarde, é o que a ninguém é permitido decidir pela história". "Lendas isoladas reproduzindo-se em pontos completamente diferentes do globo, sem comunicação aparente, estão em contradição com a hipótese do berço único do gênero humano, e o fazem descender inteiramente de um só par".

Essa tradição está tão espalhada que se chega a considerá-la como uma antiga reminiscência dos homens.

A mesma reflexão faz o antropólogo Edward Tylor: "...se volvermos o pensamento retrospectivamente à época longínqua em que os antepassados do africano, australiano, mongol e escandinavo constituíam então um ramo indivisível, a teoria de sua descendência comum há de justificar a existência de causas bastantes fortes de tempo muito afastado para que se pudessem realizar mudanças que ultrapassam os limites de tôdas as efetuadas durante as idades históricas. Onde se conclue que os homens negros, morenos, amarelos e brancos constituem reminiscências de um passado remoto, carregando cada negro, cada amarelo e cada branco em sua feição a evidência da antiguidade do homem.

E para demonstrar que os argumentos metafísicos da maioria dos especialistas etnólogos não satisfazem à lógica, acrescenta Guilherme Humboldt: "Mas, essa circunstância mesma mais depressa provaria que não há nessa situação nenhuma transformação real de um fato, nenhum fundamento verdadeiramente histórico, e que na realidade só há a identidade de concepção humana, que leva os homens por tôda parte a uma explicação semelhante de um fenômeno idêntico. Um grande número de mitos, sem ligação histórica uns com os outros, deve assim sua analogia e sua origem à paridade das imaginações ou das meditações do espírito humano.

Basta citar o único caso apresentado por R. Lowie, provando a origem independente de particularidades análogas entre tribus vivendo em regiões profundamente afastadas.

"Não se poderia fazer a um australiano Kurnai maior afronta do que chamá-lo de órfão. O mesmo trato atribuído ao índio Crow, de Montana, é considerado como afronta grave.

Está bem claro que os Kurnai não herdaram dos Crow tal sentimento, nem estes daqueles."

A explicação é evidente. Entre os povos primitivos o poder provém, diretamente, muitas vezes, do maior número de parentes devotados. O órfão, sem família, é considerado um indivíduo sem força ou valor social.

O que à nossa alma, na tradição de que se trata, revela o caráter manifesto da ficção, é que ela pretende explicar um fenômeno fora de tôda experiência, da primeira origem da espécie humana, de uma maneira idêntica à experiência de nossos dias. Tentar descobrir, por exemplo, em uma época em que todo gênero humano contava já dezenas de milhares de anos de existência, como uma ilha deserta ou um vale isolado nas montanhas pôde ter sido povoado. Em vão o pensamento se mergulharia na meditação do problema dessa primeira origem. O homem está tão estreitamente ligado à sua espécie e ao tempo que se não poderia conceber um ser humano vindo ao Mundo sem uma família já existente, e sem um passado.

Luiz Pericot argumenta, para demonstrar, que a semelhança de objetos etnográficos encontrados na Oceania e na América prova que o homem americano pode ter vindo da Oceania. Apresentou a *zarabatana* e o *ikatten*<sup>2</sup> como elementos irrefutáveis da afirmação, por tratar-se de objetos bastante complicados que não permitem considerar paridade de invenções isoladas; por isto, diz o etnólogo espanhol, que nem a Geografia nem a História impedem considerar possíveis de ligação as localidades em que foram encontrados tais artefatos etnográficos.

Humboldt apresenta esta dúvida: "não podendo tal questão ser resolvida nem por meio do raciocínio, nem da experiência, deve-se pensar, que o estado primitivo, como no-lo descreve uma pretendida tradição, é realmente histórico, ou supor que a espécie humana, desde seu princípio, cobriu a terra com tribu já formada? E' o que a ciência das línguas não poderia decidir por si mesma, muito menos procurar alhures uma solução, para dela inferir informações sôbre

<sup>2</sup> *Ikatten* — E' um processo de tingir que permite ao tecido fabricado com o fio proveniente do *ikatten* apresentar variada coloração. O processo consiste em dar muitos nós no fio com que se vai tecer o pano; mergulhá-lo na solução da tinta escolhida para o caso, e depois desatar os nós para levar o fio ao tear. Está bem entendido que a parte interior dos nós não sofrerá o efeito da tinturaria, e por conseguinte o fio, depois de dasatados os nós se apresentará com duas colorações.

os problemas que a ocupam". Alexandre Humboldt tenta uma classificação positiva das raças, já assimilando a classificação respectiva à do reino vegetal, já à da história natural das aves e dos peixes, sem poder alcançar resultados satisfatórios — Crítica a classificação geográfica, que não oferece base segura, apoiando-se nas observações de Niebuhr e Buschmann. E afirma que "os nomes geográficos, tomados como designações de raças, são profundamente indeterminados, sobretudo quando o País que deve dar o seu nome a tal ou tal raça, haja sido habitado, em diversas épocas por sucessão de povos os mais diversos".

A analogia dos costumes não pode também servir de tipo de identidade das raças, por isso que a semelhança de vida dos povos nômades faz com que muitas vezes os usos sejam comuns.

O mesmo acontece com as línguas, apesar de sua íntima ligação com os primeiros desenvolvimentos do espírito.

E' verdade que esse cunho característico nacional que as línguas trazem consigo mesmas tem uma alta importância como auxiliar para descobrir a identidade das raças, afirma A. Humboldt. Seu irmão, o filólogo, que fizera o estudo filosófico das línguas, em sua grande obra "*Ueber die Kawi-Sprache, auf der Insel Java*", faz sentir que a semelhança da origem das línguas é um fio condutor que facilita a penetração no mistério do labirinto, em que a íntima ligação das faculdades físicas do corpo com o surto da inteligência se manifesta sob múltiplas formas diversas.

Mas, adverte Humboldt naturalista, "como acontece muitas vezes, nas esferas das especulações ideais, aparecer ao lado de um resultado tido como seguro, o perigo das ilusões frequentes, deve-se estar sempre de sobreaviso".

"Estudos etnográficos positivos, baseados em profundo conhecimento da história, nos ensinam ser conveniente nos revestir de grandes precauções na comparação dos povos e línguas de que se servem num dado momento da história", sobretudo tratando-se de povos indígenas.

O argumento é lógico — "A conquista, um longo hábito de conveniência comum, a influência de uma religião estrangeira, a mistura de raças, mesmo quando tenha tido lugar com um pequeno número de emigrantes mais fortes e mais civilizados, teem produzido um fenómeno que se nota simultaneamente nos dois Continentes. Por exemplo : duas famílias de línguas inteiramente diferentes podem estar compreendidas numa mesma raça e vice-versa. Entre povos de origem totalmente diferente podem ser encontrados idiomas de um mesmo tronco de línguas.

A cultura não poderá servir de padrão para identificação de diversidade dos grupos sociais.

A modificação da vida de um povo, tal como acontece com a de sua linguagem, é função de uma série de contingências da evolução fatal por que passa a terra no decorrer dos tempos: a emigração, a guerra, a conquista, as calamidades internas, agrupamento de uma raça mais adiantada com outra de evolução mais atrasada. Pode acontecer que a cultura dos seus antepassados seja menoscabada ou deixe de ser necessária ou possível, acabando por desaparecer ou ser esquecida por desuso"; o que observamos nas tribus remanescentes dos *Tupis*, *Aruaque* e *Caribe*, cuja cultura primitiva degenerou incontestavelmente.

Robert Lowie observa que sendo tão lentas as mudanças biológicas quanto rápidas as modificações culturais, que variam de geração em geração, seria de balde querer explicar os fugitivos fenómenos culturais por uma constante racial.

Ainda é o mesmo Lowie quem afirma que, tôdas as raças teem sua peculiar cultura. Donde se infere a profunda antiguidade da civilização, tomada na acepção do conjunto das tradições de uma sociedade: aptidões, hábitos adquiridos pelo homem como membro dessa sociedade.

Haja vista a civilização muito antiga do vale do *Nilo*, dos indígenas de Badari e dos seus sucessores do Egito; da Inglaterra pré-histórica, etc.

A Arqueologia e a Geologia nos permitem verificar todavia uma antiguidade mais profunda pela descoberta de utensílios depositados nas diferentes camadas milenares da formação do planeta humano, nas quais se reconhece, a preexistência de três grandes fases florestais: do pinho, do roble (espécie de carvalho) e da faia, em cujas respectivas turfeiras se encontram utensílios de pedra, que caracterizam períodos por John Lubbock denominados paleolítico e neolítico, isto é, idade da pedra lascada e da pedra polida, sendo que o primeiro período distingue a civilização mais remota do gênero humano, da época dos animais pré-históricos.

Robert Lowie em seu "*Manual de Antropologia Cultural*", livro atualizado, pelo qual melhor se pode conhecer o método moderno de pesquisas etnográficas,

faz considerações aliás já anteriormente admitidas por Tylor, sobre a época em que o homem começara a fabricar utensílios de uso indispensável à sua existência. Admitindo a hipótese de que esse estado data de cerca de cem mil anos, julga que a selvageria reinara universalmente no planeta humano. Nesse período o homem vagava pela floresta em busca de frutos, raízes, tubérculos, que adicionados à caça e à pesca a que se entregava, constituíam o seu elemento de vida.

Seus instrumentos de paz e de guerra, utensílios de uso doméstico, eram de madeira, de osso, de concha e de pedra — E como só esta matéria é durável e indestrutível, somente instrumentos e utensílios desta natureza foram pela arqueologia revelados aos naturalistas. Donde a denominação de idade da pedra lascada, ou paleolítica.

Admitem os especialistas etnólogos que um novo período surgiu na idade do homem prehistórico em que teriam aparecido a agricultura, e a indústria da cerâmica, peculiares à vida já sedentária ou semi-sedentária. Como desenvolvimento tardio desse estado paleolítico aparecem a indústria pastoril sob a forma de criação de gado, e o progresso da fabricação dos instrumentos de pedra pelo invento do polimento da parte cortante do machado e de todos os outros instrumentos correspondentes.

Esse período tomou o nome de idade da pedra polida, ou neolítica.

Passam o milênios e os habitantes do vale do *Nilo* criam novas indústrias. A fundição do cobre deu lugar à nova idade da civilização, a idade do metal. O desenvolvimento dessa indústria permitiu o descobrimento da amálgama do estanho que ao cobre deu maior valor industrial na fabricação dos instrumentos e máquinas. Daí a denominação da idade do cobre e idade do bronze para essas fases da civilização.

Algum tempo depois surgiram, simultaneamente, o carro, o arado, a roda do cleiro, e o que mais, a escritura.

Após outros milênios transcorridos, aparece a descoberta do ferro, que substituiu com vantagem a do cobre e do bronze na indústria dos instrumentos e das máquinas, dando lugar a novo período da civilização: a idade do ferro.

Com o grande etnólogo Tylor podemos incluir a vida humana, a grosso modo, em três grandes estados: selvagem, bárbaro e civilizado, caracterizando tipicamente a marcha da evolução do gênero humano.

Descrevemos já, sinteticamente os dois primeiros. Mencionaremos os progressos que permitiram a classificação do terceiro período.

Tylor considera período ou estado civilizado aquela fase da vida humana desde o momento em que surge a arte da escritura até os nossos dias.

O registo na história de todos os acontecimentos que se passam na vida de um povo, permitindo transmitir às idades vindouras seus hábitos, costumes, leis, religião e conhecimentos alcançados até então, liga o Passado ao Presente, e este ao Futuro, na cadeia ininterrupta de progresso moral e intelectual.

Roberto Lowie resumê no seguinte quadro os períodos da vida do nosso Planeta :

- 1.º Selvagismo (Paleolítico) — duração — 100.000 — 10.000 antes de C.
- 2.º Agricultura e lavoura à enxada (Neolítico) duração — 10.000 — 4.000 antes de C.
- 3.º Idade do cobre 4.000 — 3.000 antes de C.
- 4.º Idade do bronze 3.000 — 2.000 antes de C.
- 5.º Idade do ferro 2.000 antes de C. até nossos dias.

O mesmo Etnólogo americano observa que os algarismos do quadro apresentado são todos de aproximação, calculados segundo observações geológicas, cuidadas, dos sedimentos acumulados nos vales dos grandes rios. Referem-se ao conjunto do nosso Planeta.

E' de notar que a evolução da civilização nesses períodos se operou entre as tribus mais bem dotadas moral e intelectualmente. Menciona o atraso dos habitantes da Ilha *Tasmânia*, conservados em estado selvagem até meado do século XIX, de acôrdo com o fenômeno de expansão do progresso. Nessas idades, quando um ponto do globo experimentava um avanço na senda da evolução, as regiões mais afastadas desse progresso não podiam dele participar senão no decorrer de séculos. Foi assim que a indústria rudimentar do ferro se estendeu, depois de inventada, aos Escandinavos e mesmo às tribus africanas, sem nunca chegar à América e à Austrália.

Somente com a conquista da América e das ilhas do *Pacífico* se difundiram as indústrias européias nessas partes do Planeta. A experiência nos faz sentir de um modo edificante com que velocidade uma dada cultura se pode modificar favoravelmente sem que nenhuma transformação biológica se opere nos indivíduos do mesmo grupo social. E a propósito, Lowie faz outra observação lógica, a respeito do progresso ou evolução humana. Seu ritmo não é e nunca foi uniforme. Durante milhares de anos o homem permanece no estado de selvageria.

De um momento para outro, entretanto, a transformação positiva ou negativa se opera sem outra explicação senão a da constatação dos fenômenos sociais. É fato que a história registra e nós observamos nas populações indígenas da América e principalmente do Brasil.

A emigração e a conquista são fenômenos sociais de grande relêvo na evolução ou progresso social dos povos.

## PROBLEMA ETNOGRÁFICO AMERICANO

O problema americano da Etnografia se resume, em uma palavra, no Problema da origem do Homem americano.

Todo o mundo compreende a dificuldade da solução de tal problema, que deu lugar a hipóteses fantasiosas, próprias das concepções primitivas desenvolvidas pela Teologia e pela Metafísica, filosofias que guiaram a evolução do espírito humano depois das concepções de Confúcio e de Buda, da primitividade fetichista, até a concepção positiva do surto humano apresentada por Augusto Comte.

Os estudiosos do americanismo, os pesquisadores irreduzíveis, pululam desde os séculos das Descobertas. As mais ilusórias ou disparatadas hipóteses surgiram com visos de seriedade para explicar ou esclarecer o misterioso problema, que só no século passado começou a ser abordado com vislumbre científico.

E nesse sentido não se pode imaginar o sem número de hipóteses apresentadas pelos pesquisadores para a pretensa explicação do fenômeno concretizado pela denominação de Americanismo.

Todos os autores modernos são unânimes em afirmar que somente após os primeiros decênios deste século fôra o problema abordada ou esboçada com seriedade científica pelos métodos antropológicos, com detalhes etnológicos e etnográficos, proporcionados pelos materiais que a Paleontologia, a Arqueologia e a Geologia fornecem.

Apesar de renunciados os métodos antiquados, quasi todos sobrecarregados de interpretações, superstições ou prejuízos, provenientes de convicções obsoletas, um excessivo número de teorias criadas por meras hipóteses, avulta ainda no campo das discussões estéreis. Considerável número dessas ficções se reúne em torno de duas escolas contemporâneas, que podem ser consideradas apoiadas em dados, relativamente de caráter lógico.

1.<sup>a</sup> A escola da unidade racial, de origem única e recente.

2.<sup>a</sup> A Escola de diversidade racial, de origem múltipla e muito antiga.

Tôdas as tentativas de interpretações, com verniz científico, da origem do homem americano se enquadram nas hipóteses fundamentais sustentadas pelas seguintes teorias:

a) Poligenismo, com o Continente americano para um dos centros de origem.

b) Monogenismo, admitindo ser o homem originário do Continente americano ou de outro Continente qualquer: Europa, Ásia, África, Oceania ou quem sabe, de algum outro Continente desaparecido, Atlântida, por exemplo.

Além dessas teorias antigas surge a moderníssima, defendida por Montandon, sob a denominação de "Ologenismo", isto é, da aparição simultânea do homem, como de outros animais, em todo o Globo.

Todavia, não devemos deixar de consignar as soluções mistas.

Nestes casos para explicar a existência de população na América e noutros Continentes busca-se a solução do fenômeno social das grandes migrações milenárias da Prehistória: de ou para a América pelo caminho do Nordeste, Noroes-

te; Atlântida e Oceano Atlântico, Continente e Oceano Pacífico ou Continente Antártico (Mendes Correia). O grande número de hipóteses e outro tanto de soluções apresentadas para cada uma das grandes divisões acima apontadas é fácil de compreender. Tais são as inumeráveis literaturas que a respeito teem sido publicadas, enchendo as bibliotecas dos Museus, sociedades congêneres e dos estudiosos da Natureza americana.

Logo após a Conquista ocorre a hipótese mediterrânea da origem do homem americano.<sup>3</sup> E' a época da hipótese bíblica.

Quando apareceram as primeiras investigações com bases científicas, surgiram as suposições de origem asiática bilateral.

Contemporaneamente parece prevalecer a hipótese de origem múltipla e complexa.

Simultaneamente com a preocupação das origens do homem americano fixa-se o pensamento dos investigadores nas culturas correspondentes a cada povo. Essas culturas serão importadas ou evolutivamente autóctonas? Como é natural imaginar surgiram correntes diversas, com argumentos científicos de toda espécie para demonstrar uma e outra idéia.

A emigração teria sido o fenômeno esclarecedor das civilizações *aztecas, incai-cas, chibchas*, etc.

O isolamento histórico em que jazeu por largo tempo o Continente americano constitue fundamento contrário e fortalece a hipótese do evolucionismo autóctono das culturas encontradas pela Conquista entre os diversos povos do Novo Mundo. A hipótese bíblica ou mediterrânea deu lugar a diversas discussões, calorosas muitas delas, baseadas até em razões filológicas, a respeito das origens semitas.

As pesquisas de Villamil de Rada<sup>4</sup> deram lugar à identificação do idioma *aimará* com a língua falada no Paraíso Terrestre, o que nos leva ao terreno da mais fantasiosa das ficções.

Os estudos de A. Berloin<sup>5</sup> permitiram-lhe analogia diferente, levando-o à comparação do idioma primitivo com as expressões algonquinas.

A respeito dos descendentes de Noé como povoadores da América o número de argumentadores antigos merece atenção.

Enfileiram-se nessa argumentação Arias Montano que publicou em 1593 em Leyden o seu famoso livro "*Antiquitatum Indaicarum*". Segundo sua teoria Ofir, filho de Jectan, neto de Heber, povoou a América até o Perú, e Jobal o Brasil.

Os argumentos com que o célebre historiador do fim do século XVI justificou essa teoria do povoamento da América são estupendos, na opinião de L. Pericot.

Para provar que Perú da descoberta de Pizarro é o mesmo Perú da Bíblia (Paruain), frei Gregório Garcia, explica como Arias Montano em sua acrobacia filológica pretende justificar a identidade de Perú com Ofir, afirmando que esta palavra é a mesma que a antecedente transpondo a letra O para o fim da palavra e mudando-a para U, abusando da ingenuidade dos filólogos antigos, escravos das credices da Bíblia.

Montano e frei Gregório Garcia para confirmar a identidade da descoberta de Pizarro com o País visitado pela frota de Salomão e do rei Hiram citam fatos históricos. Corroboram esta opinião de Montano e de frei Gregório Garcia o fato de ser o Perú de Pizarro abundante em ouro e prata como Ofir de Salomão e do rei de Tiro.

Comungam na opinião de Montano a respeito das descendências de Noé como povoadoras da América, além de Piedrahita, Zamora, Pinedo, Echevarria, Veilliaz, Mac Intos, F. de Castelnau, o dominicano Torquemada, para quem a côr dos Índios seria indício certo de uma descendência de Cam.

Da opinião dos múltiplos partidários da emigração fenícia, ou simples passagem dêste povo semita pela América do Sul, participam o arqueólogo Ladislau Neto e L. A. Childe, do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Elliot Smith, defensor da íntima relação entre as grandes culturas americanas e a antiga civilização egípcia.

<sup>4</sup> "*La lengua de Adan y el hombre de Tiahuanaco*", La Paz, 1888.

<sup>5</sup> "*La parole humaine*", Paris, 1908.



Tôdas as inscrições rupestres existentes pelo nosso dilatado litoral e vales de quasi todos os rios do interior do Brasil, foram motivo das hipóteses que os exploradores estrangeiros e nacionais formularam nas suas viagens a respeito da probabilidade do povoamento da América pelos fenícios e até pelos próprios egípcios, cartagineses, hebreus, gregos, etc.

Segundo a fábula de Esdras, as tribus Hebraicas passaram da Palestina para Arsareth com o intuito de fugirem de perseguições e poderem viver em pleno reino da Paz. Pois bem, êsse país desconhecido teria sido o Novo Continente.

Dessa fabulosa hipótese participaram os Padres Las Casas e Durán, segundo a teoria do ilustrado Padre Gregório Garcia, que se firmou no século XVIII, da qual é digno de ser citado como fervoroso adepto James Adair, que estudou os índios da América do Norte.

Precederam os partidários da teoria dêste último século Diego Andrés Rocha,<sup>6</sup> que chegou a admitir a entrada na América, pelo Noroeste, das dez tribus de Israel; Thorowood, John Eliot; os judeus Antônio Montesinos e Menasseh Ben Israel, autor de uma obra que se tornou célebre e que visava demonstrar especialmente a origem hebraica dos índios. Assunto que provocou por parte de Hugo Grocio intransigente contenda, revelada no livro publicado em Paris, em 1642, sob o titulo: "*De origine americanorum dissertatio*".

No século XIX como sectários da mesma teoria sobressaem: o inditoso lord Kingsborough, conhecido pelo seu intrépido entusiasmo na organização da Expedição que o levou ao cárcere e à morte; o notável viajante delineador dos costumes dos índios — George Catlin.

Modernamente Paul Gaffarel julga provável que os povos de Canaã, os *jebuseus*, no tempo de Josué, e os judeus depois da conquista de Salmanasar, emigraram, descobriram as ilhas da Oceania e chegaram até a América. Considera surpreendente a analogia de tradições, costumes, línguas e tipos semáticos dos ameríndios.

P. Mossi, segundo Imbelloni, considera o *Quichuá* muito parecido com o *hebreu*, admitindo como de origem hebraica as inscrições da baía Newark, em New-Jersey, EE. UU. Outros argumentos de caráter histórico, antropológico (etnológico e etnográfico) são apresentados para caracterizar a semelhança entre hebreus e os índios da América. Até a pré-dica da Bíblia foi apontada como prova histórica. São Tomé é apresentado como tendo sido o apóstolo que percorreu a América, não faltando menções de autores católicos para provar êsse postulado: a impressão nas rochas dos pés do apóstolo encontrada principalmente na América do Sul; a existência do símbolo da cruz, atribuída a particularidades das tradições verificadas na religião dos *aztecas* e dos *incas*; assim como a boa vontade dos autores católicos em querer descobrir nas três cabeças que em alguns vasos da cerâmica *pré-incaica* aparecem, a representação do símbolo da Santíssima Trindade.

Múltiplas opiniões apareceram desde a antiguidade até hoje para demonstrar as origens mediterrâneas dos índios americanos, já de autores estrangeiros e mesmo de alguns nacionais. Dentre estes é de notar o historiador Varnhagen, que imaginou a emigração dos habitantes das ilhas do *Mediterrâneo* oriental, os *Cartos*, para o vale do *Amazonas*, de onde provieram os *tupis* e os *caribes*, segundo êsse autor, aparentados ou constituindo um tronco único. Essa hipótese aliás já havia sido apresentada no comêço do século XVII, por Joseph Fr. Láfitau, reproduzida por aquele historiador brasileiro no fim do século passado.

Gregos e troianos; etruscos e filisteus; árabes e romanos, e tantos outros povos mediterrâneos foram apontados como emigrantes para a América.

A mais interessante, porém, de tôdas as ficções que abarrotaram a barca de Noé das hipóteses fantasiosas, consiste na origem espanhola dos índios americanos na opinião de vários autores, entre os quais se destacam frei Gregório Garcia, P. Maluenda e Gonzalez de Oviedo, em que se fundamentou o Papa Alexandre VII para estender à América certos privilégios eclesiásticos só concedidos até então à Espanha, sob a pretensa alegação de que a América fôra povoada por espanhóis desde antes da sua descoberta por Colombo.

<sup>6</sup> "*Origen de los Indios del Perú, Mejico, Santa Fé de Bogotá, Chile*" — Lima 1681 (reimpresso em Madrid, 1891).

Gomára, em sua história indígena, afirma que os espanhóis passaram a Cozumel e Yucatan fugindo à invasão dos Mouros, do que é prova cabal a existência das cruces que nessas paragens encontraram os conquistadores. Este argumento não seria cabal, se admitíssemos a primazia do apóstolo São Tomé que pregara na América antes dessa época.

São tão curiosas as ficções da origem espanhola dos índios americanos que, vale a pena citar a opinião do Ouvidor de Lima Andrés Rocha, o qual afirma categoricamente, segundo L. Pericot, que Deus mandou ao Novo Mundo os Espanhóis, e, depois de muitos séculos os restituiu à respectiva metrópole, a título de direito de restituição.

Aquele Ouvidor de Lima, escritor tido como muito erudito, supunha que os espanhóis que povoaram na prehistória o Continente americano eram descendentes dos hebreus que povoaram a Espanha, prevalecendo entre eles o tronco de Tubalcain. Pela Atlântida teriam atingido a América independentemente da hipótese de Wegner.

Andrés Rocha apresenta uma série de paralelismos, de hábitos, costumes, línguas, cultura, tradições, entre espanhóis e habitantes do Perú e Nova Espanha (México) para estabelecer a conformidade dos dois povos.

E' profundamente acomodativa a comparação do idioma basco com a língua do *quichua*. Como conclusão final dessas lucubrações o erudito Ouvidor de Lima perora com estas fervorosas palavras de crente: *"Envío a este Nuevo orbe los españo — les y después de muchos siglos se los restituyó a España Dios, usando del derecho de reversión... oh profundidad de la sabidoria y ciencia del Altissimo!"*...

Pericot acrescenta em sadia crítica sobre a ficção de Andrés Rocha:

*"Además, España es la que se halla mas cerca de America y Dios no hizo otra cosa que devolver lo que habia sido suyo. Claro está que Rocha con la misma fe que cree en el origen español de los americanos, cree que de nuestro país salió la población de Frigia, Toscana, Irlanda, Galia, Narbonense y Roma"*.

Origens européias, tártaras e chinas, mongólicas de um modo geral, asiáticas, mesopotâmicas, até africanas puras; oceânicas até de continentes desaparecidos, foram lembradas, como: Atlântida, Pacífico, Lemúria, Antártico, por Mendes Correia, arqueólogo português, considerando-os caminho de passagem dos Australianos e Tasmanianos para a América. Os poligenistas encaram a população da América "ipso fato" sua cultura, como autóctona, argumentando com o fenômeno da criação espontânea de Lamarck, tendo por confirmação a homogeneidade somática e antropológica quasi absoluta, em oposição às considerações científicas indiscutíveis da concepção de Blainville sobre as diferenças antropológicas da espécie humana.

Outras teorias surgiram contemporaneamente para explicar a origem do povo americano: a wegneriana, que supõe a união primitiva dos Continentes e separação lenta posterior. Donde a explicação muito simples da passagem do homem e dos animais superiores do Velho para o Novo Mundo e vice-versa.

A outra hipótese é a que Montandon classificou com o título de ologenismo, nuança simpática da teoria poligenista.

## HIPÓTESES MODERNAS AMERICANAS

### ORIGEM ÚNICA

Defendem esta hipótese Hrdlichka e Holmes, os dois campeões americanos da unidade da sub-raça americana.

Para esses dois etnólogos o Ameríndio provém da Ásia, de onde terá passado pelo Noroeste desse Continente para o americano pelo estreito de *Behring*. Esta hipótese é universalmente aceita por quasi todos os antropólogos modernos, formando entre estes o grande mestre de Etnologia da Sociedade Americanista de Paris, P. Rivet, que explanou em diversas conferências realizadas no Rio de Janeiro a sua teoria antropológica da origem do homem americano, publicando

a respeito obras que fizeram época: "*Les origines de l'homme américain*"; "*Les australiens en Amérique*"; "*Recherches d'une voie de migration des australiens vers l'Amérique*".

Desde Humboldt que essa teoria foi tomando vulto por demonstrações de caráter científico, até firmar-se na escola norte-americana, formada pelos estudos especializados de etnografia e etnologia dos sábios da grande República norte-americana.

Se os ameríndios, de um modo genérico, constituem uma só raça ou sub-raça do Continente, é assunto que se não pode em absoluto afirmar.

Temos que separar os Índios da América do Norte, onde se observa maior homogeneidade entre os diversos tipos, dos que viveram espalhados pelos vastos territórios da América Central e do Sul, entre os quais a diferenciação é mais pronunciada.

Em que consiste a hipótese de uma só raça americana?

Essa hipótese é baseada na possibilidade da migração de um só povo da Ásia para a América, o Mongol ou Mongolóide, por exemplo, em ondas sucessivas de grandes intervalos.

A hipótese contrária se fundamenta na possibilidade da multiplicidade de emigrações de povos diferentes da Ásia, Oceania, etc.

Desde Cuvier que os traços antropológicos do índio americano foram assimilados aos do tronco mongol, já pelo pigmento avermelhado, que deu nome aos índios da América do Norte, característico que se aproxima grandemente dos habitantes asiáticos da Mongólia e já pela forma e côr do cabelo, constituindo esses povos o grupo lisótrico, um dos três em que se enquadrou a espécie humana pela natureza do cabelo. Outros característicos etnológicos: forma do olho, largura da cara com pômulos salientes, incisivos em forma de pá, mancha de genipapo, etc., levam os ameríndios ao grupo dos mongóis ou mongolóides.

O raciocínio dos partidários desta hipótese os induz a considerar, principalmente o seu maior entusiasta, Hrdlichka, que estudou o tipo puro dos mongóis setentrionais, que nestas tribus paleoasiáticas é que se encontra o resto do primitivo tronco que passou para a América, ou vice-versa, de cá para lá, tal a semelhança dos tipos étnicos.

E' verdade que há muitos caracteres entre os ameríndios que diferem dos que apresentam, por exemplo, os chineses e japoneses, o que leva alguns dos partidários da hipótese da parecnça dos ameríndios com os puros mongóis, a estender essa solução a outras regiões da costa oriental da Ásia. Donde a opinião de outros autores como Holmes, Chamberlain, Wissler, Hamy a incluir os ameríndios nas tribus mongolóides protomongóis e indomongóis. Em uma palavra, segundo a opinião de Pericot, as migrações asiáticas para a América podem ser consideradas formadas de elementos de origem variada, saídos do litoral asiático, tecnicamente denominados mongolóides ou premongóis.

Trombetti aduz argumentos filológicos de valor para concretizar o foco asiático na população ameríndia.

As línguas indochinas, particularmente a da tribo *Munda Kmer*, na opinião daquele etnólogo e de outros, parecem ser o tronco dos idiomas ameríndios.

A Etnografia e a Arqueologia apresentam também, segundo muitos pesquisadores, motivos apreciáveis que fazem a ligação antropológica dos dois Continentes em discussão.

Parece que o critério da multiplicidade, em parcelas relativamente pequenas, de emigrações das ilhas oceânicas conjuntamente, ou em épocas separadas, com as mongólicas puras não deve ser desprezado, tal como não seria possível negar no Brasil, a relação prehistórica do tipo da *Lagoa Santa*, descoberto por Lund, com o resto dos incolos brasileiros.

As vias ou os caminhos segundo os quais as emigrações diversas seguiram para passar ao Continente colombiano, não sofrem mais dúvida. Deve-se tirar uma média dos mil raciocínios apresentados pelos fogosos argumentadores desde Wegner até recentemente o bravo etnólogo português Mendes Correia.

Resta saber se essas emigrações são paleolíticas, neolíticas ou holocenas.

Não só Hrdlichka, como Holmes, Vignaud e o próprio Paul Rivet, se firmam na convicção de que o atraso dos ameríndios, sua ignorância de certos inventos úteis, (Rivet citou na conferência do Rio de Janeiro, a roda); a pequena den-

sidade de sua população, são causas para se pensar na contemporaneidade relativa de seu aparecimento na América, nunca porém antes do desenvolvimento das civilizações propriamente mongólicas, chinesas e vizinhas.

O fenômeno da linguagem é outro argumento contra a antiguidade dos ameríndios. As línguas dos povos da espécie humana estavam em formação na antiguidade. Demandavam tempo para a sua aproximação, unificação ou simplificação.

Para atenuar as hipóteses, evitar a barafunda, ou em linguagem literária, a confusão das conclusões, Vignaud apresenta a idéia, logicamente aceitável, de admitir que as emigrações asiáticas provieram dos elementos mais rudimentares do tronco mongol ou premongol. Esclarecer-se-ão dessa forma tôdas as impugnações de outros autores, que argumentam alegando a contradição sobre a ignorância dos emigrantes que teriam vindo para a América quando na Ásia as culturas mongólicas se achavam muito avançadas, sem que essa circunstância pudesse ser revelada nas culturas ameríndias a respeito de certas particularidades não encontradas nos povos indígenas de cultura mais adiantada, por exemplo a ausência da roda e outros inventos úteis em uso na civilização mongólica.

---

A respeito do autoctonismo das culturas ameríndias não só Hrdlicka, como principalmente Brinton, o consideram efetivo.

Povoada a América teria ela caído em um longo período de isolamento, sugerindo a seus habitantes, em cada centro de sua existência, o fenômeno da evolução natural, as invenções que suas necessidades faziam espontaneamente surgir: agricultura, cerâmica, navegação, metalurgia rudimentar na fundição do cobre, do estanho, do ouro e da prata. Depois de terem sido primitivamente nômades, caçadores e pescadores, foram adquirindo hábitos sedentários de pastores, agricultores e até industriais.

Foi na fase dessa evolução em que já se encontravam os *aztecas*, os *incas*, os *chibchas* e outros povos guatemalenses que surgiu a conquista européia que perturbou-a, destruindo a cultura existente, e apagando por completo a luz daquela evolução, dando lugar ao caos em que se debatem os antropólogos, arqueólogos, paleontólogos e todos os investigadores da Etnologia e Etnografia para descobrir a origem do Homem americano. O absolutismo da Doutrina que presidiu a Conquista e o Descobrimento da América, destruindo quasi todos os fundamentos da cultura pagã, rasgou uma interessante página da História, e suprimiu assim todos os dados essenciais, positivos, que podiam nos orientar na avaliação da capacidade do Índio americano para o progresso intelectual, moral e prático.

---

A hipótese do isolamento total da América não tardou a sofrer severas críticas, dando lugar a admitir-se a intervenção de vários elementos na constituição da população americana.

Conforme lembramos atrás os melanésios, polinésios e australianos teriam sido possíveis elementos, embora em proporções diminutas, a mesclar na massa mongólica ou premongólica tida como fundamento da população pré-colombiana do Novo Mundo.

Rivet, um dos mais famosos campeões da teoria da origem múltipla do homem encontrado na América na época de sua descoberta, comunicou à Academia de Inscrições e Belas Letras de Paris, em 12 de Dezembro de 1924, as suas conclusões etnológicas, a respeito, na monografia, que intitulou: "*Les melaneso polinésiens et les australiens en Amérique*". Aliás, essa hipótese, como já referimos, havia sido formulada por Hugo Grocio e Andrés Rocha. Frei Gregório Garcia torna a seus argumentos anteriores, apoiados em observações próprias e coligidos em conhecimentos históricos de certa profundidade, mais sólidos, afirmando que a variedade de línguas, leis, ritos, cerimônias, costumes e vestimentas, levam-no à conclusão de uma origem múltipla para os ameríndios.

Quatrefages com seus estudos de antropologia da América criou o sistema em que a população ameríndia foi incluída nas raças mistas. Tentou demonstrar a parecença dos crânios da *Lagoa Santa* e dos contemporâneos *Aimorés* com os dos negróides oceanianos de Nova Guiné, e ilhas adjacentes.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Introduction à l'étude des races humaines, — Paris, 1887 — L'homme fossile de Lagoa Santa au Brésil et ses descendants actuels, Moscou, 1879.

Enfim, os antropólogos por um lado, e os etnólogos, arqueólogos e filólogos de outra parte, em pesquisas incessantes impugnam a hipótese sustentada por Hrdlicka e seu imediato colaborador Holmes.

Após essa escola heliolítica surge outra sustentada pelos pesquisadores dos centros culturais, com intuito de comparações concretas das culturas correspondentes de épocas diversas.

Essa escola levantada por Graebner, seguida por P. W. Schmidt Nordenskiöld, e os linguistas Sauvageot, C. Thomas, Tregear, Hill Tout, Anton e Sanchez e tantos outros, chegaram à conclusão da possibilidade de grupos oceanianos, europeus e africanos, terem aportado casualmente na América. Dentre esses destaca-se Theodor Koch — Grünberg, cujo túmulo visitei à margem direita do rio Branco, quando subia este rio em demanda da fronteira britânica em 1927.

Esse infatigável etnólogo se distingue pela energia de seu caráter e persistência profissional nos demorados estudos que fez nos vales dos rios *Urariquera* e *Tacutú*, e cordilheira *Pacará-imá*, que transpôs para o vale do *Orenoco*,<sup>8</sup> dando a vida em holocausto a seus devotados estudos etnológicos e etnográficos.

As divergências fundadas aparentemente em pesquisas de caráter científico são múltiplas. Entre a escola histórico-cultural e a da unidade de origem do índio americano, Rivet parece traçar um meio termo baseado em seus estudos resultantes de investigações diretas que teve a fortuna de realizar no Equador.

Pericot argumenta *para divergir da hipótese de um tipo único do indígena americano* salientando as diferenças profundas existentes entre muitas tribus da América do Sul. E supõe, com vários autores, que Hrdlicka e Holmes foram levados à hipótese da emigração em massa dos mongóis e mongolóides baseados na aparente unidade de feições físicas apresentadas pelos pele-vermelha.

Entre os tipos da Rondônia, *Serra do Norte*, que Roquete Pinto estudou e os que Koch-Grünberg apresenta de sua pesquisas no vale do *Cuquenã*, contribuinte do *Caroni*, vale do *Orenoco*, serra *Roraimã*, a diferença somática e dos costumes é profunda.

Lá o tipo da *Lagoa Santa* faz-se lembrar; aqui o caráter caucasóide é desvendado, tudo de acordo com as observações dos dois eminentes etnólogos que estudaram os ameríndios daqueles extremos opostos das fronteiras brasileiras.

A esses pontos de vista se alistam etnólogos do quilate de Keane, Martin, Fritsch, Biasuti, Oencking, Eikstedt, e outros.

A diferenciação dos tipos espalhados por todo o Continente é palpável — esse fato levou a discussão entre os etnólogos americanos e os europeus com tal paixão que Mendes Correia declara que a tese unitária é preconceito geográfico, e que desprezar as diferenças de caracteres equivaleria a destruir os métodos antropológicos. Se se admitir com Quatrefages e Lund a existência do homem quaternário na América, é lógico pensar no autoctonismo do ameríndio. Mas, como está mais que provado que as migrações asiáticas constituem realidades incontestáveis, claro está que as populações emigradas teriam sido superpostas às autóctonas, podendo acontecer que a mescla fôsse de tal natureza e em proporção tal por parte dos asiáticos que viesse a dar a feição de uniformidade de tipo que justificasse, por momentos, a idéia da unidade sustentada por Hrdlicka e Holmes.

Rivet, o pioneiro das migrações múltiplas, no seu livro: "*Les origines de l'homme américain*" pg. 207, diz: "A tese da população da América por emigrações da Ásia, através do estreito de *Behring*, contém sem dúvida alguma grande parte da verdade e esclarece de certo modo os problemas americanos, sem abranger contudo a sua totalidade. O vício dos defensores dessa tese está no seu absolutismo. Por minha parte aceito de boa mente que a massa principal da população americana é de origem asiática, e que foram os asiáticos que uniformizaram o aspecto físico aparente de todos os índios, parecendo-me evidente que outros elementos étnicos intervieram na formação dessa população".<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Vom Roróimá Zum Orinoco, vol. I, Berlin, 1916.

<sup>9</sup> Rivet admite provisoriamente os seguintes grandes movimentos migratórios para a América:

- 1.º — Elemento australiano.
- 2.º — Elemento de língua malaio-polinésica, que se aproxima pelos caracteres físicos do grupo melanésio.
- 3.º — Elemento asiático que é, indubitavelmente, o mais importante, causador da aparente unidade visível nos ameríndios.
- 4.º — Elemento urálico, esquimau.

Os mais acirrados defensores do unitarismo da raça americana chegaram por fim a uma transição que permite razoável conciliação com a hipótese de Rivet, estendendo a zona das migrações mongolóides até as ilhas *Formosa* e *Filipinas*, donde as nuanças no tipo mongol ou premongol.

Nas conferências do Rio de Janeiro, nos seus livros e dissertações na Sociedade dos Americanistas de Paris, o grande etnólogo contemporâneo, discute o magno assunto apresentando razões lógicas, baseadas em provas de caráter científico.

Demonstrações antropológicas, segundo Quatrefages confirmadas por Verneaud, Nordenskiöld, Wegner, Eickstedt, assinalam a analogia de tipos americanos com os asiáticos, melaneso-polinésicos e australianos.

Provas etnográficas esporádicas, nos achados arqueológicos aqui e ali foram aparecendo.

Rivet apoiando-se em parte na escola histórico-cultural e muito nas pesquisas de Nordenskiöld, deduz as semelhanças de costumes, artefatos, utensílios, etc. dos ameríndios com os da civilização malaia, melanésia ou polinésia, como danças, rituais com máscaras, redes, pontes suspensas, fundas, zarabatanas, arcos para diversos fins, machados, cabeças como troféus, flautas, tambor de madeira para sinais, tambor cilíndrico com membrana de peles de animais, trombetas de conchas, remos enforquilhados, instrumentos para preparação da entrecasca da madeira destinada à confecção de vestidos, plantações em terraços, uso das conchas para diversos fins, fundas para o penis, processo dos nós para tingir fibras (*ikatten*), a mastigação de frutas e massas para o preparo de bebidas fermentadas, amputação das falanges e talhos nos membros do corpo em sinal de luto, trepanação e outras tantas analogias.

As provas filológicas constituem a pedra de toque dos argumentos de Rivet, desenvolvidos com dados concretos em seu livro: "*Les langues américaines*", pág. 147.

As mesmas provas de caráter científico êste já famoso batalhador etnólogo apresenta para demonstrar a presença dos elementos raciais australianos na América; época e condições de sua emigração.

A êsse respeito continuam a discordar de Rivet não só os partidários da escola histórico-cultural de que Nordenskiöld é o principal baluarte, mas também outros mais modernos como Imbelloni, Mendes Correia, Frenquelli.

Diversos etnólogos italianos entregaram-se aos estudos linguísticos dos ameríndios, Imbelloni e seu colaborador Palavecino, citam grande número de palavras *quichuas* semelhantes às dos *Maori* da Nova Zelândia, raça polinésica. E. Biasuti apresenta um interessante diagrama segundo o qual o "*Homo americanus*" é constituído por antigo *philum* enriquecido de caracteres australo-caucásicos posteriormente metamorfoseado pelo "*Homo asiaticus*". Outros antropólogos: Sergi, Mendes Correia, Aichel sugerem argumentos diversos no mesmo sentido, isto é, de mescla na constituição primitiva da população ameríndia.

As conclusões de Oetting e Eickstedt são as que estão fadadas a prevalecer sobre a rigidez da hipótese de Hrdlicka. O primeiro, por estudos morfológicos dos americanos, deduz uma camada de povoação de caracteres protomorfos com manchas neandertalenses, excluindo portanto sua origem autóctone e sua entrada na América em época pleistocena, em que se incluem os Esquimaus, as raças da *Lagoa Santa* e da *Terra de Fogo*.

As povoações arqui-morfas são formas mistas, que sofrem as influências do ambiente, mantendo o conjunto americano caracteres próprios.

Eickstedt imagina que o homem chegou à América numa fase interglacial, havendo uma camada dolicocefala anterior à braquicefala, com três camadas distintas na América do Sul: *punimóide* (romanos), *lágidos* (egípcios) e *brasílica*.

Êste antropólogo afirma a existência da raça branca na América pré-histórica, qualificando os americanos de *puro-peóides*, sob o ponto de vista da altura, contorno do nariz, barba inferior do queixo, boca. Estas modalidades morfológicas só se explicam pela presença dos europeóides no Norte da Ásia em virtude da expansão dos mongolóides.

Este conjunto de citações que deixo aqui palidamente exposto, colhi nas grandes searas acumuladas pelo autor de la "*América Indígena*", o Professor de Etnologia de Barcelona — Luiz Pericot. Suas conclusões são lógicas. E como elemento para o tirocínio dos que se dedicam às pesquisas etnológicas e etnográficas, transcrevo-as nestas nótulas em bosquejos.

Pericot pondera que toda hipótese para ser aceitável deverá basear-se nos seguintes assuntos, reais ou prováveis.

1.º — O tipo americano não constitui uma raça única. Seu tipo físico apresenta variantes bastante consideráveis, fruto da reunião de diversos elementos antropológicos, que pelo contacto criaram feições de rosto comuns à maior parte da povoação, indicando antiguidade no contacto. Os elementos primitivos encontram-se isolados.

2.º — Do estudo das línguas e dos costumes se deduz semelhante variedade de certa unidade.

3.º — O estudo arqueológico e antropológico não permite uma conclusão definitiva, porém, o que não admite dúvida é o homem encontrar-se na América desde o fim da época glacial e é provável que entrasse durante o Pleistoceno.

4.º — Não há razões para supô-lo autóctono.

5.º — O fundo primitivo da população é formado por elementos dolicocefalos (*punimóides*, *Lagoa Santa*, etc.) com caracteres primitivos e parencças ainda não explicadas com *neandertalóides*, (homem fóssil de Neanderthal, vale da bacia do *Reno*), e australóides, melanésios e europeóides.

6.º — Sobre este fundo se superpuseram vários movimentos de gente nova, especialmente braquicefalos asiáticos de tipo mongolóide. Nas povoações paleo-asiáticas e nas ilhas que bordam o Continente asiático encontram-se restos dos tipos que entraram na América.

7.º — O grupo esquimau (aurálio?) será o último que chegara.

8.º — O único caminho conhecido com segurança é o do estreito de *Behring*, que gozou noutros tempos de condições mais favoráveis para a vida.

9.º — Nenhuma das emigrações pode ser posterior à formação das grandes culturas do oriente asiático.

10.º — Combinados, de acôrdo com os fenômenos da evolução e de mútuas reações, todos estes elementos, desenvolveram por si próprios civilizações originais, extremamente relacionadas entre si, sem receber do exterior qualquer imitação ou influência esporádicas pela via do *Pacífico* (navegações polinésicas).

11.º — O esforço dos futuros investigadores deve dirigir-se a assegurar a existência destas relações oceanianas e a procurar o caminho e a época em que as emigrações puderam chegar à América, a circunscrever as camadas de população americana e a resolver o problema das semelhanças e relações com as civilizações oceanianas e do sudeste asiático (civilização cambodjeana dos *mon-kmer*) e outras com esta relacionadas.

## CONCEITO MODERNO; ESTADO ATUAL DOS CONHECIMENTOS E MÉTODOS DE PESQUISA REFERENTES À ETNOGRAFIA

Devemos concluir pelo apanhado, embora desconexo, que conseguimos reunir das informações e pesquisas acumuladas, desde a Descoberta do Continente Americano até hoje sobre as concepções antropológicas do Ameríndio, visando o conhecimento da sua história e da sua introdução no Continente, da sua civilização, em uma palavra, que tudo isso se conseguirá melhormente mediante o estudo preliminar da Etnografia, método empregado pelo Professor americano — Robert H. Lowie.

Evitando francamente as discussões teóricas, o método americano de estudos antropológicos culturais procura apresentar sistematicamente os fatos e dados particularmente essenciais. Daí julgar esse eminente Professor conveniência fundamental o estudo direto da etnografia indígena sobre cada tribo do grupo de que se pretende inferir conclusões a respeito de sua civilização própria.

As conclusões positivas são função direta das observações de relação entre tribus de diferentes estados místicos da evolução mental.

Lowie julga indispensável insistir nas pesquisas etnográficas e etnológicas sobre tribus as mais atrasadas para depois comparar a civilização do tipo simples à do que já tenha alcançado uma estrutura mais complexa, passada ou presente.

O conceito moderno, estado atual dos conhecimentos e métodos de pesquisa referentes à Etnografia, baseiam-se nos resultados práticos que os Museus dos Estados Unidos, principalmente, veem adquirindo com as pesquisas diretas sobre cada caso particular de suas investigações.

Esse conceito e esses métodos foram de iniciativa de Von den Steinen, que para alcançar resultados positivos empreendeu duas Expedições longínquas às cabeceiras do *Xingú* afim de recolher materiais de cada tribo acaso encontrada em seu percurso geográfico, para desses estudos parciais destacar ensaios gerais sobre a história do Continente sul-americano, particularmente sobre a do Brasil pré-cabraliano.

Identicamente procedeu Rivet em suas pesquisas sobre algumas tribus da República do Equador.<sup>10</sup> E modernamente Robert Lowie, que estudou detidamente a etnografia e etnologia da tribo *Crow* do Estado Montana dos Estados Unidos da América do Norte.

O conceito moderno da pesquisa referente à Etnografia é que a Arqueologia como instrumento técnico-histórico fornece o elemento essencial às comparações respectivas que os estudos modernos vão realizando para melhor assentar a base lógica dos conhecimentos da Antropologia americana, isto é, para estudo sistemático do Ameríndio.

O método de pesquisas diretas, criado por Lowie, é o que modernamente tem produzido resultados positivos, já para os Museus americanos, já para o nosso Nacional.

Lá, aquele Professor estudou a etnologia e etnografia dos índios *Crow*; aqui o Professor Roquete Pinto pesquisou diretamente os hábitos, costumes e tôdas as manifestações materiais da atividade de algumas tribus da Nação *Nambiquara* da *Serra do Norte* no Estado de Mato Grosso.

O mesmo fez há pouco tempo nos Estados da Baía e de Pernambuco o Diretor do Museu Goeldi de Belém do Pará, Professor Carlos Estêvão, que pesquisou diretamente nos remanescentes de grupos da tribo *Cariri* daquelas zonas geográficas o que de etnologia e etnografia ainda podem oferecer aqueles derradeiros abencerragens da grande tribo, que, como já lembrámos, em fins de 1671 era missionada pelo Reverendo Padre capuchinho Martin de Nantes nas reglões de Oeste daqueles Estados, no vale do rio *São Francisco*.

O diligente etnólogo Curt Nimuendajú, ex-funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, incansavelmente tem feito pesquisas diretas em dezenas de Aldeias de diversas tribus, desde São Paulo até o vale do rio *Oiapoque*, pelos rios *Araguaia*, *Tocantins*, *Tapajós* e *Madeira*, neste último concorrendo para a consolidação da atração dos guerreiros *Parintintins*, cuja pacificação, iniciada pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, foi arrematada pelo Serviço de Proteção aos Índios.

Este etnólogo forneceu ao Professor Carlos Estêvão notas esclarecedoras, aduzidas à *Separata* do "*Boletim do Museu Nacional*", de sua autoria, sobre os remanescentes dos índios *Apinagé* do *Alto-Tocantins*. O mesmo método empregou o chefe daquela Comissão Telegráfica no perfuntório apanhado de ligeiras nótulas que pessoalmente colheu em sua rápida passagem pelas restantes tribus do antigo reino dos índios *Parici* (*Ariti*) e através das dezenas de grupos ou sub-tribus da populosa nação *Nambiquara*.<sup>11</sup>

O etnógrafo da mencionada Comissão João Barbosa de Faria, ex-funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, pesquisou diretamente, principalmente com intuits filológicos, nas aldeias dos índios *Terenas*, *Bororos* (como Encarregado da Povoação Indígena de São Lourenço, antiga Teresa Cristina), *Paricis*, *Nambiquaras*, *Quep-queriuats*, *Ariquemes*, *Galibis*, *Paricurás*, *Caripunás* (rio *Uaçá*); *Macuaris*, *Uápixáνας* (rio *Branco*, fronteira britânica), *Uabois* (rio das *Trombetas*).

Identicamente tem procedido viajantes dos Museus americanos. Ultimamente alguns deles penetraram o rio Tapirapés, permanecendo meses entre os índios da tribo deste nome, investigando os hábitos e costumes desses índios e coligindo vocabulário de seu idioma. Esse material será o elemento essencial para o estudo que os professores dos respectivos museus farão pelo método de Lowie.

Podemos, sem receio de exagêro nem de fantasias, afirmar que o estado atual dos conhecimentos referentes à Etnografia é lisongeiro, pela extensão das pesquisas e estudos realizados na América e especialmente no Brasil, desde Anchieta, Lery Staden, até Von den Steinen, Ehrenreich, Roquete Pinto, Petruccio, Koch Grünberg, K. G. Grubl.

<sup>10</sup> "*Ethnographie ancienne de l'Equateur-Mission du Service géographique pour la mesure dun Arc de merídien*". Paris, 1912-1922 — Verneau et Rivet.

<sup>11</sup> Etnografia — Anexo n.º 5 — História Natural — Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, pelo Coronel Cândido M. S. Rondon.



Os métodos modernos se distinguem pelas pesquisas diretas sobre cada zona geográfica com intuítos lingüísticos, etnológicos e etnográficos peculiares a cada grupo biológico, como também, segundo Metreaux, para poder apreciar ou verificar as influências acaso por estes grupos experimentadas de tribus estranhas.

A propósito desta apreciação me permito franca corroboração à afirmativa do fervoroso adepto do método de Robert Lowie, reproduzindo aqui suas próprias palavras com que prefaciou a preciosa obra deste etnólogo americano na tradução que fez do magnífico "*Manual de Antropologia Cultural*"... "*C'est de l'ensemble de ces résultats partiels que nous pourrions dégager quelques aperçus généraux sur l'histoire d'un continent peut-être, dans l'avenir de l'humanité.*

*"Rien n'est plus absurde et nefaste pour le progrès de la science que les attitudes unilatérales. Les faits humains ne seront jamais expliqués en vertu d'un système donné, mais chaque phénomène requiert un ordre d'explication différent. Il est essentiel pour l'ethnologue de posséder un sens délicat du jeu des facteurs contradictoires ou divergents et de la façon dont ils donnent naissance à l'aspect général du groupe social qui est leur résultant. Celui-là seul s'approchera de la vérité qui ne sera pas strictement évolutionniste, historien, géographe ou économiste, mais tout cela à la fois. Le goût de la formule et de la classification est un des plus redoutables dangers qui aient manecé la science nouvelle de l'homme".*

Em etnografia o método moderno de pesquisas diretas, de que depende o conhecimento dos fenômenos etnológicos, é completamente dispar do método clássico cartesiano de fórmula abstrata e classificação teórica.

#### SITUAÇÃO ATUAL DAS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS NO BRASIL

A situação atual no Brasil das pesquisas efetuadas é evolutiva. Acompanha a marcha do desenvolvimento intelectual da Nação.

Desde a sua descoberta que o português deparou um tipo estranho ao que habitualmente conhecia.

Logo depois os Missionários começaram, por necessidade e conveniência de seus deveres religiosos, a estudar o homem brasileiro sobre o qual teriam que atuar moral e socialmente.

Dentre eles surgiu o primeiro etnógrafo, que pesquisou na Terra descoberta. Foi o apóstolo do Brasil, o venerável Padre Joseph Anchieta, que apresentou o primeiro estudo etnográfico dos índios *Tupis*, na gramática que elaborou da língua deste povo brasileiro. Outros missionários se foram ocupando do mesmo estudo, sobretudo linguístico. Dos continuadores de Anchieta destaca-se o Padre Fernão Cardim, autor do inédito aparelho de notas erudito-elucidativas, sob o título: "*Tratados do Padre Fernão Cardim sobre o Brasil*", — escritas, as relativas aos índios do Brasil, em 1584, e cujo manuscrito foi arquivado em Évora.

Aos Padres missionários seguiram-se viajantes diversos, dentre os quais mencionamos Hans Staden, Jean Lery, Alexandre Rodrigues Ferreira,<sup>12</sup> Martius, Wied, Von den Steinen, Ehrenreich, Koch-Grünberg, e tantos outros que seria longo citar. Recentemente, o último etnógrafo que viajou no Brasil em objeto de pesquisas etnográficas e etnológicas foi o Professor do Museu de Filadélfia, V. M. Petrullo, que no alto *Paraguai, Descalvado*, fez estudos arqueológicos, etnológicos e etnográficos entre os *Bororos* da Campanha e os *Tugocures* do São Lourenço.

Nos rios *Culisévu* e *Culuêne (Xingú)* fez pesquisas entre os índios *Iaualapitis*, *Meinacos*, *Cuicuros*, *Naravutes*, *Calapálus*, *Anahúcuáas* e *Suiás*, outrora visitados por Von den Steinen e Ehrenreich. No alto Teles Pires, abaixo da confluência do *Paranatinga*, com o São Manuel, Posto Indígena Simões Lopes, colheu dados etnológicos e elementos etnográficos para os estudos dos índios *Bacaêris*.

Os Museus, Nacional do Rio de Janeiro, Paulista, e Goeldi, de Belém do Pará, mantem os seus viajantes em serviço de pesquisas dentro dos limites das verbas orçamentárias para cada exercício.

Devemos, entretanto, confessar a penúria dos resultados alcançados, função direta do raquitismo dos respectivos orçamentos anuais.

<sup>12</sup> Memórias sobre os Gentios *Guaná* e *Guaicurú*, *Caripuna*, *Urequena*, *Cambéba*, e sobre as máscaras e farsas que fazem para suas festas os índios *Iurúpixuna*.

Comparadas as searas científicas dessas Instituições com as congêneres dos Estados Unidos da América do Norte, não encontramos termos capazes de definir a mingua brasileira diante da opulência americana.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro recebeu da Comissão Rondon um regular contingente etnográfico, recolhido durante o tempo em que operou ela nos sertões de Mato Grosso, Goiás, Pará e Amazonas, entre os índios: *Parici*, *Nambiquara*, *Quepi-queri-uat*, *Jarú*, *Urupá*, *Orumi*, *Ariqueme*, *Tariana*, *Tucano*, *Macuxí*, *Uapixana*, *Taurepã*, *Galibi*, *Paricurá*, *Caripuná*; inclusive caveiras arqueológicas dos índios *Parawiana* e *Urupá*, dos campos do *Rio Branco* e de *Cataqueimã*, bem como artefatos dos índios *Uaboi*, e outros que habitavam os lagos da foz do rio das *Trombetas*.

Essa mesma Instituição tem precioso acervo científico inserido no seu "Boletim" mensal, onde estão arquivados todos os trabalhos dos diferentes ramos da História Natural, entre os quais os de arqueologia, etnologia e etnografia, não só dos seus Diretores e Professores, como de vários cooperadores desta especialidade

De autoria do seu Diretor Professor Roquete Pinto temos: "*Ensaio de Antropologia Brasileira*" e "*Rondônia*", mimo de literatura da antropologia dos *Aritis* e *Nambiquaras*, sob os aspectos etnológico e etnográfico.

O Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico, publicado para celebrar, em 1922 o primeiro centenário da Independência do Brasil, no Capítulo Décimo apresenta uma substanciosa monografia com a respectiva bibliografia, sobre a Etnografia, elaborada pelo ilustre etnógrafo Rodolfo Garcia.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro é o maior repositório das memórias, monografias, roteiros, vocabulários e relações das populações indígenas que se hajam publicado no Brasil desde a sua fundação pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa. Quanto a publicações dos livros resultantes das expedições e viagens pelo interior do Brasil, visando o conhecimento das tribus ali existentes e seus respectivas estudos a messe é muito grande, quer tratando-se de nacionais quer, principalmente, de estrangeiros.

Dos brasileiros destacamos Couto Magalhães, que publicou: "*Viagem ao Araguaia*" e "*O Selvagem*", livros de impressões fortes e documentação proveitosa.

João Barbosa Rodrigues, conhecido botânico, ex-Diretor do Museu Botânico do Amazonas e ex-Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, publicou dois livros de valor, tanto como pesquisas etnográficas e etnológicas, quanto de fundo histórico: 1.º "*O Muyrakitã e os Idolos Simbólicos*" — "*Estudo da origem asiática da civilização do Amazonas nos tempos prehistóricos*"; obra em dois volumes, — 2.º "*Pacificação dos Crichanás*", do rio Jauaperi. Neste livro o autor estuda: I — passado e presente dos *Crichanás*; II — etnografia, arqueologia e geografia; III — Documentos; IV — Vocabulário; V — Apêndice

Roquete Pinto publicou: — "*Rondônia*", que encerra as informações completas de caráter científico que caracterizam o método moderno das pesquisas etnográficas. O Diretor do Museu Nacional deixou indicado aos seus sucessores, em traços bem largos, o exemplo a seguir no desempenho da laboriosa missão a cargo dos Museus, como Professor e como pesquisador direto dos ramos da Antropologia que concorrem para a solução do complicado problema da origem do homem americano. E "*Rondônia*" já está na sua terceira edição após a Expedição que êle empreendeu quando a construção da Linha Telegráfica do Noroeste matogrossense transpunha o paralelo de 12.º de latitude sul.

A atitude decidida dêsse cientista em querer, para estudar o Índio, penetrar pelo caminho mal aberto dos longínquos e inhóspitos sertões dos extremos rincões brasileiros, mostra bem nitidamente a bravura do seu amor científico guiado pelo rasgo patriótico de uma alma viril, cheia de sonhos maravilhosos pela grandeza do Brasil.

Serviu-lhe de vaqueano sertanejo o intrépido Coronel Antônio Pirineus de Sousa, então Tenente de Infantaria, infatigável, inteligente, devotado e lúcido comandante do contingente que acompanhou a Expedição do Grande Reconhecimento que estudou o traçado da Linha Telegráfica de Cuiabá a Santo Antônio do Madeira e Pôrto Velho, em 1909.

## UMA DIGRESSÃO QUE SE IMPÕE

Conceda-se desviar por um momento do assunto propriamente desta memória, para prestar homenagem a companheiros desaparecidos desta expedição:

Pirineus foi companheiro dos distintos oficiais que integraram essa Expedição: — Tenente João Salustiano Lira, astrônomo, Tenente Emanuel Silvestre do Amarante, topógrafo e Tenente Dr. Joaquim Augusto Tanajura, médico, único sobrevivente do Estado Maior do Ten. Cel. Rondon, chefe da mesma.

Lira foi tragado pelas águas revoltas do salto Rondon<sup>13</sup> do rio *Sepotuba*, sintetizando nesse implacável destino todo o espírito do sacrifício e civismo da pléiade de brasileiros que devassou a vastidão da terra sertaneja compreendida entre Cuiabá e Pôrto Velho, de Mato Grosso ao Amazonas; trato de terra brasileira só em pequena parte penetrado, no comêço do século XVIII, pelos bandeirantes de Antônio Pires de Campos, e no advento do século XX pelos catadores do ouro negro, os denodados caucheiros e seringueiros continuadores dos audazes bandeirantes paulistas.

Emanuel Silvestre do Amarante, vítima de uma agressão de febre tífica no rio *Jamari*, veio a falecer no hospital da Candelária, de Pôrto Velho, onde o fizera recolher o então Tenente Aloísio Ferreira, seu ajudante da Seccção do Norte, de que foi incomparável chefe, como derradeira tentativa para salvar tão preciosa quanto devotada vida.

Roquete Pinto, que foi hóspede dêste brioso oficial no seu acampamento da Aldeia Queimada, da sua dinâmica atividade e raro engenho técnico, traça êste eloquente e fiel retrato póstumo: "Conheci Emanuel Amarante no lugar mais triste que até hoje encontrei: Aldeia Queimada. Ainda era mais triste que o nome. No deserto areial onde começa o chapadão *Paricî*, resto de um grande mar mediterrâneo, depois de muitas horas de marcha fatigante, num solo que parecia prender os pés do caminheiro, ao longe, ao entardecer, negrejou um grande rancho: era Aldeia Queimada, oásis sem palmas, daquele saara pequenino, taba aproveitada dos índios, que só por causa da água tinha ali posição justificável. Mas ao chegar naquela "aldeia" de um rancho só, uma surpresa: o rancho era uma oficina. Mecânicos ajustavam mancais teimosos de grandes bielas, ferreiros batiavam na bigorna ferro, de formas esquisitas, serras trinchavam grandes toros, gritando, plangentemente como se fôsse a madeira esquarterada chorando a mágua infinita das transformações. Na parte da frente, um recanto do grande casebre era a morada do chefe. Algumas redes, ambos os punhos recolhidos no mesmo gancho, posição de repouso; uma grande mesa em cavaletes, onde havia papéis e mapas. Sobre êsses documentos, absorto, olhos brilhantes cravados nas linhas e nas cifras, magro, alto, nervoso: Tenente Amarante.

Era aí, então o seu pôsto de engenheiro encarregado dos transportes mecânicos da Comissão de Linhas Telegráficas. Ali era o hospital dos caminhões que o sertão fazia também adoecer.

Moço e ardente, de uma inquietação que impressionava, de uma curiosidade intelectual que prendia, dominadora, os seus interlocutores, de uma amabilidade agressiva, dessas que não escolhem pessoa nem hora. Amarante vivia preocupado com uma questão fundamental: dar aos automóveis a facilidade de varar as areias e os atoleiros. Então explicava-me no papel, desenhando e calculando, que o problema seria resolvido se fôsse possível dar aos veículos rodas virtuais de tal madeira, largas e grandes que o seu pêso, repartido pela superfície, seria mínimo em cada centímetro de plano de sustentação. Nessas condições já não afundariam as rodas na areia fôfa ou no barro plástico. Como conseguir? Lembrou-se o moço engenheiro dos trens de "cadeia sem fim" aparecidos, se bem me recordo, na Exposição Universal de Paris, em 1889. Em 1912 construiu nos sertões dos *Paricî*, um aparelho semelhante, mas de largas sapatas, que aplicou aos caminhões automóveis.

E o primeiro "*auto-chenille*", o primeiro "*tank*", o primeiro "*carterpillar*", rodou anônimo, hoje talvez deslembrado de suas testemunhas, até agora ignorado do resto do mundo, varando o chapadão, do Juruena ao *Sepotuba*, no coração do Brasil.

Eram os "tacos do Amarante" as sapatas de madeira que em 1912 faziam o milagre atualmente reproduzido no Saara, pela Missão Citroen.

O nosso engenheiro, mais tarde, por falta de meios, abandonou as suas pesquisas. Veio a guerra; e o que êle fizera, em 1912, com pedaços de madeira, os

<sup>13</sup> Denominação oriunda do nome do seringueiro proprietário das terras do alto *Sepotuba*, coronel da Guarda Nacional. — Manuel Pedroso Rondon.

"tanks" ampliavam, em 1918, providos de chapa de aço. O seu grande sonho de progresso, estava sendo praticado, por gente possuidora de outros recursos, em outras terras, gente animada pela fúria de vencer...

Amarante morreu há cerca de um mês, lá longe, perto dos índios, perto das florestas, vitimado pela doença que é a fera pior deste continente. Ele não tinha nada do que, à primeira vista, distingue o homem naturalmente indicado para viver naquelas asperezas: era fino, era culto, era meigo. Amava o Brasil. Tinha diante dos olhos, à frente daquela empresa, um exemplo magnífico de energia e desinteresse no serviço de sua terra. Cupriu o seu dever: o Brasil deve guardar o seu nome".

Registadas estas patrióticas palavras, prossigo na minha exposição.

---

O Museu paraense de História Natural publicou num dos seus "Boletins" de 1900, as Memórias do Professor Dr. Emilio Augusto Goeldi, seu Diretor, sobre arqueologia e etnografia.

Esses estudos, resultantes das pesquisas da Expedição de 1895, deram lugar à revelação do estado dos conhecimentos sobre os índios do Brasil, especialmente sobre os índios da foz do Amazonas, no passado e no presente, diante da coleção de produtos cerâmicos que a Expedição obteve em escavações feitas nas regiões compreendidas entre os rios Cunani e Cassiporé, e na zona dos lagos da terra firme do Amapá artefatos de índios que outrora ali viveram.

A respeito da cerâmica dos índios da Amazônia inferior, aquele Professor cita a literatura colhida nos trabalhos de Domingos Soares Ferreira Pena, Ch. F. Hartt, Ladislau Neto e Barbosa Rodrigues, todos publicados no Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Recentemente foi publicado o livro: "Índios" — "História de uma grande Nação" pelo Dr. Otto Willi Ulrich, tratando a primeira parte dos índios da América do Sul e da América Central; a segunda dos índios da América do Norte. Como o seu autor viveu durante muito tempo entre os indígenas é recomendável a sua leitura, pelas observações pessoais do viajante a respeito do que, sobre etnografia e etnologia dos ameríndios visitados, pôde colher e registrar.

As Missões religiosas atualmente existentes no Brasil teem publicado estudos sobre as línguas dos Ameríndios como outrora fizeram Montoya, Las Casas, Anchieta, Fernão Cardim, e tantos outros ilustres capuchinhos, dominicanos e jesuitas que engrandeceram a Etnografia antiga com brilhantes produções.

A Missão Salesiana, que pretende prosseguir as pegadas dos filhos de Santo Inácio, oferece aos Etnógrafos a Monografia do Padre Antônio Colbachini, missionário italiano, relativa à Etnografia e à Etnologia dos Bororos orientais — "Orarimugudoge", habitantes do vale do rio das Garças.

Esse livro que foi prefaciado por Luiz da Câmara Cascudo, conhecedor da acidentada vida do Conde Ermano Stradelli na Amazônia, onde sucumbiu levado pelo seu entusiasmo geográfico, contém, de fato, importantes ensinamentos e curiosidades sobre o índio Bororo, rei do sertão, na expressão de Couto Magalhães. Só quem, como Colbachini, conviveu 30 anos ininterruptos com esses valentes caçadores, pescadores, e incomparáveis nadadores, é que podia decifrar o enigma bororo, tentado por tantos ilustres etnólogos como Von den Steinen, Ehrenreich, Koch-Grüberg e João Barbosa Faria.

E' merecedor de felicitações o autor do "À Luz do Cruzeiro do Sul", que veio iluminar a floresta dos Etnógrafos preocupados no Brasil em estudar a língua, a vida, os hábitos, os costumes e o Ser do Ameríndio.

A mesma Missão publicou outro livro interessante sobre a Prelazia do Rio Negro, sob o título "Pelo Rio Mar", com profusas informações condensadas em múltiplos capítulos: 1.º Esboço Geográfico; 2.º Esboço Climatológico; 3.º esboço Etnográfico; 4.º Síntese Antropológica; 5.º Esboço Histórico; 6.º A Obra Salesiana no rio Negro; 7.º Estatística dos Índios do Alto rio Negro (1931); 8.º O Apostolado no rio Negro; 9.º Episódio da Vida Missionária; 10.º Documentos Honorosos" — Como obra de propaganda, é extraordinário.

Devemos, porém, ser justos em apreciar o que ela tem de realmente proveitoso, encerrado nos cinco primeiros capítulos, que derramam a luz da história sobre os restos da antiga população dos Caribe, Aruaque, e Tupi da bacia do Rio Negro, acumulada hoje na sua vertente ocidental.

---

Os Missionários franciscanos, capuchinhos que pregam aos índios *Mandurucús*, localizados no alto rio *Cururú*, afluente da margem direita do rio *Tapajós*, desde 1910, como todos os catequistas estudaram a língua da tribo dos seus catecúmenos para melhor alcançar espiritualmente a finalidade da sua obra evangélica.

Publicaram "*Pequeno Catecismo Cabi-á*", "*História Bíblica*", "*Dicionário*" e "*Gramática*", do vernáculo *mundurucú*.

O mesmo fez a Missão Dominicana, que fundou a Cidade de Conceição do Araguaia, sede de seu Apostolado. O Chefe dessa Missão, Bispo D. Sebastião, publicou "*Gorotirés*" que elucida e define a ação apostólica desenvolvida no baixo *Araguaia*; Frei Antônio Salá apresentou "*Elemento gramatical da língua Caiapó*"; Frei Hilário Tapie "*Chez les peau rouge*" e "*Chevauchant*". Possivelmente do mesmo modo terão procedido: a Missão Capuchinha de São Paulo de Olivença; a Missão da Congregação do Espírito Santo, sediada na Cidade de Tefé, estendendo-se ao Alto Juruá; as Missões Protestantes da Ilha do *Bananal*, do rio *S. Lourenço*, do *Ipegue*, junto ao Pôsto Indígena do Serviço de Proteção aos Índios, no Município de Miranda.

A Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira enviou à Ilha do *Bananal* uma Expedição de estudo das condições dos aborígenes dessa região, dando lugar à publicação do livro: "*O Indígena Brasileiro*". "*Expedição entre as tribus selvagens da Ilha do Bananal e Norte de Mato Grosso*", de autoria do chefe da Expedição Benedito Profeta.

Não conheço as publicações da Missão Beneditina do Rio Branco, que prega na Fronteira Britânica e estende a sua função apostólica até *Roroimã*, o que tive oportunidade de observar quando, em inspeção àquela Fronteira em 1927, estive entre os missionários, na cidade de Boa Vista, e verifiquei nas aldeias dos *Macuchí*, *Uapixana* e *Taurepã* os efeitos da catequese daqueles reverendos Padres.

Também desconheço a obra dos missionários Jesuítas, recentemente instalados na Prelazia de Diamantino, cidade matogrossense, situada nas cabeceiras do rio *Paraguai*.

A julgar pela brilhante tradição desses apóstolos da América, podem-se esperar apreciáveis resultados, já sobre a catequese propriamente, já sobre os estudos linguísticos.

A Comissão Telegráfica de Mato Grosso, criada para ligar a Capital Federal ao extremo Oeste da República, que acabava de ser fundada, no decorrer dos seus trabalhos, que se prolongaram de 1890 a 1930, teve oportunidade de devesar quasi todo o sertão daquele Estado, pelos roteiros de Anhanguera e Antônio Pires de Campos, rumo de Oeste e Noroeste até atingir o rio de *Orellana*.

Nesses 40 anos teve a ventura de conhecer e estabelecer contacto com os restos dos primitivos povoadores do Brasil. Para fugirem às perseguições invasoras se acantonaram nas inóvias regiões, onde supunham encontrar proteção segura. Lá, nesses bravios rincões a Comissão os surpreendeu. Pôde assim vê-los, conhecer de perto seus hábitos, seu método de vida, sua cultura.

Era natural que a ela despertasse interesse a civilização desses povos. Tratou de estabelecer relações de amizade com todos. Com algumas tribus não foi fácil. Demandou tempo. Mas, foi afinal conseguido o seu intento. Uma vez alcançado esse objetivo, tratou a Comissão de ganhar melhor sua confiança. Pelo comércio livre da troca dos seus produtos pelos da indústria civilizada que deslumbravam a sua curiosidade, dentro de pouco tempo tínhamos alcançado parte do nosso intuito. O resto foi conseguido pelo carinho com que os acolhemos e os tratámos. Não tardou retribuirmos com usura a confiança que sua ingênua atitude nos inspirava. Verificámos quão significativas foram as impressões de Vaz de Caminha ao transmitir ao Rei a sua admiração pelo povo que a caravela de Pero Álvares Cabral surpreendera no Continente de Colombo. Resultou das nossas sucessivas penetrações por todos os quadrantes de Mato Grosso e seus extremos lindes com Paraná, São Paulo, Goiás, Pará, Amazonas, Bolívia e Paraguai, o conhecimento que adquirimos não só desse trato do território nacional e povo sertanejo, como particularmente dos seus habitantes indígenas.

Dáí proveio a possibilidade de recolhermos ao Museu Nacional do Rio de Janeiro a coleção etnográfica que o comércio da troca nos proporcionou. E foi

esse auspicioso encontro e conseqüente amizade firmada com os incolos das regiões penetradas que nos permitiram e favoreceram o ensêjo de tentar estudar a civilização daquelas tribus.

Dessa tentativa resultaram a publicação do anexo n.º 5 dos Relatórios da Comissão sôbre Etnografia do Coronel Rondon e o preciosíssimo e substancioso livro "*Rondônia*", de Roquete Pinto, concernente aos estudos antropológicos, etnológicos e etnográficos dos índios *Parici* e *Nambiquara*, e da sua civilização, conforme referências já feitas linhas atrás. Outros trabalhos foram sendo sucessivamente esboçados, não alcançando publicidade por esgotamento das verbas à disposição da Comissão para publicação de seus Relatórios.

Foi assim que as pesquisas do etnógrafo da Comissão, João Barbosa de Faria, permaneceram inéditas, aguardando melhor oportunidade oficial para serem encorporadas à literatura respectiva.

Além dos 17 vocabulários coligidos por aquele etnógrafo, estudou êle a língua dos *Bororos* e *Paricis*, em dois exhaustivos trabalhos a que já aludí.

### MEDIDAS A ADOTAR

Quanto às medidas de que o Conselho Nacional de Geografia deva lançar mão para intensificar e aperfeiçoar no país as pesquisas sôbre Etnografia, sou de parecer que só há uma: E' conjugar esforços com o Museu Nacional, que atualmente emprega o método moderno de Lowie nas pesquisas etnográficas que promove, para as necessárias observações e aquisição do material indispensável, elementos de estudo da antropologia cultural, sociologia primitiva e conseqüente conhecimento da mentalidade indígena dos grupos raciais dos índios brasileiros.

Não sendo fácil criar no Conselho de Geografia um Museu etnográfico que permitisse os estudos respectivos para o aperfeiçoamento dos métodos de pesquisas, dado o desejo manifestado pelo Conselho de concorrer para o seu aperfeiçoamento e intensificação, é lógico pensar que a conjugação de esforços das duas Instituições, nesse sentido, traria para a ciência proveitosos resultados.

Os membros do Conselho que se entregassem a explorações geográficas no interior do País consultariam previamente a secção respectiva do Museu Nacional quanto às pesquisas etnográficas que a exploração pudesse proporcionar no decorrer dos seus trabalhos. Discutiriam os métodos mais consentâneos para a consecução do intento científico comum, com o intuito de alcançar o material de estudo, que seria depois recolhido àquele Museu.

Para facilitar o aperfeiçoamento e intensificação das pesquisas sôbre a Etnografia no país, seria necessário obter o auxilio financeiro ao Museu Nacional, para que êste pudesse aumentar o seu corpo de pesquisadores, o que permitiria anualmente estender as suas atividades por todo o território nacional habitado ainda por índios, isto é, ao Amazonas, Pará, Maranhão, Goiaz, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Baía, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Território do Acre. Alguns dos pesquisadores podiam também se dirigir a outros países do Continente, principalmente sul americanos, para procederem como fazem os Museus americanos e os da Europa, afim de colherem o necessário material de estudo, visando o conhecimento da cultura e civilização do Ameríndio.

O resultado não se faria esperar: o Conselho Nacional de Geografia aperfeiçoaria êsse ramo da Geografia Nacional pelos estudos a que se obrigaria, e o Museu Nacional enriqueceria as suas coleções, ao mesmo tempo que mais acuradas observações seriam permitidas aos Professores na aplicação dos métodos que melhores conclusões proporcionassem sôbre a origem do homem americano, a civilização que os ameríndios chegaram a alcançar, se provieram de um só tronco ou de origem múltipla; se oferecem um tipo único ou variado; se seu aparecimento na América é recente ou antigo; qual a via ou vias de penetração, se êsses povos constituem ou não camadas de população que se superpuseram sôbre as que já existiam na América, permitindo a conclusão do autoctonismo, segundo o poligenismo ou ologenismo.

Se o Conselho Nacional de Geografia quizer agir paralelamente ao Museu Nacional terá então que criar o ramo especializado da Geografia Etnográfica com o seu corpo de especialistas e um novo Museu etnográfico como arquivo do material de estudo. E só por observações demoradas sôbre investigações próprias, realizadas diretamente em cada caso, poderia êsse corpo de pesquisadores formar critério seguro para a escolha do método capaz de levar a conclusões lógicas e positivas sôbre a biologia, e sociologia primitiva da América, especialmente do Brasil.

## CONCLUSÕES

## Em conclusão:

Penso, com Rivet e Metreaux, que o conceito moderno, estado atual dos conhecimentos e dos métodos de pesquisa referente à Etnografia, é o que Robert Lowie adotou para construir o "*Quadro da vida indígena*". Desprezando hipóteses teóricas, aquele mestre da Etnologia mostra, em termos claros e rigorosos, o método moderno, racional, no seu meditado julgamento, que se deve hoje empregar para ter uma idéia integral, exata, da primitividade humana, caracterizada pela vida do íncola.

Esse conceito e esse método consistem:

1.º — Insistir nas observações detalhadas da atividade das tribus mais primitivas, estudando a fundo a sua vida no seu próprio "habitat".

2.º — Ligar as culturas ou civilizações de um tipo rudimentar às de estrutura mais complexa, passada ou presente para, por comparação, surpreender os efeitos dos fenômenos de contacto das civilizações correspondentes, onde a lei da imitação revelará todo o profundo senso da realidade.

Portanto, o método das pesquisas diretas de detalhes é hoje, pelos americanos e por todos os etnólogos e etnógrafos modernos, o único adotado, capaz de proporcionar melhores conhecimentos dos respectivos fenômenos, contra os audaciosos ensaios que as hipóteses teóricas fragilmente apresentavam.

3.º — Minha opinião a respeito da situação atual das pesquisas efetuadas no Brasil e do emprêgo dos métodos modernos quanto à Etnografia, é que o Museu Nacional se orienta, depois da República, pelo método moderno das pesquisas diretas, deixando de lado o método histórico-cultural, tradicionalmente empregado antigamente por todos os Museus e Academias em que se estudava a Antropologia com especialidades etnológicas e etnográficas.

4.º — Para aperfeiçoamento e intensificação das pesquisas etnográficas no Brasil, por parte do Conselho Nacional de Geografia, apresento a idéia da constituição de um grupo de etnógrafos do Conselho, anexo aos técnicos exploradores dos nossos sertões, agindo nas suas pesquisas de acôrdo com o processo moderno adotado pelo Museu Nacional. Esses especialistas pelos seus estudos aprofundados poderiam apresentar — quem sabe? — conclusões capazes de aperfeiçoamento das pesquisas, proporcionando maior entusiasmo nesse estudo, com intensificação, portanto, das viagens em busca de novos elementos.

## BIBLIOGRAFIA

A bibliografia sobre pesquisas e estudos da Etnografia americana é exhaustiva. Ela começou a aparecer volumosa desde o século das Descobertas.

Para ter uma idéia da profusão de escritores que se preocuparam com esse momentoso assunto basta ler as obras publicadas pelos Professores que dele se ocuparam.

Todavia me abalanço a indicar os autores nacionais e estrangeiros, que estudaram o Índio Americano com fins científicos:

1 — Joseph Anchieta — "*Arte de Gramática*"; "*Informações e Fragmentos Históricos*" (1584-1585).

2 — Fernão Cardim — "*Tratados da Terra e Gente do Brasil*" — 1584.

3 — Hans Staden — "*Viagens ao Brasil*", Marburg — 1557 — trad. de Lofgren.

4 — Jean de Lery — "*História de uma viagem à terra do Brasil*" — 1578 — Trad. Série "*Brasil Antigo*" — 1926, ordenada por Monteiro Lobato.

5 — Dr. Carl Fried. Phil. Von Matrius — "*Zur Ethnographie Americas Zumal Brasiliensis*" — 1867, reeditado para comemorar o 1.º Centenário da "*Flora Brasileira*".

6 — Alexandre de Humboldt — "*Cosmos*" — trad. por H. Faye.

7 — Edward B. Tylor — "*Antropologia*" — Introducción al estudio del hombre y de la civilización. Traduzida del inglés por Don Antonio Machado y Alvarez.

8 — Montandon. La Race — "*L'ologenèse humaine*" — Paris, 1928.

9 — Robert H. Lowie — "*Manuel d'Antropologie Culturelle. Traité de Sociologie Primitive*", trad. de E. Métraux.

- 10 — Couto Magalhães — “*O Selvagem*” — Curso de língua geral segundo Ollendorf. Lendas Tupis.
- 11 — J. Barbosa Rodrigues — “*O Muyrá-Kytã e os Idolos Simbólicos*” — Rio de Janeiro, 1899.
- 12 — Do mesmo — “*Pacificação dos Crichanás*”, Rio de Janeiro, 1885.
- 13 — Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon — “*Etnografia — Índios Paricís*” — Rio de Janeiro, 1912.
- 14 — Von den Steinen — “*Unter den Naturvöeken Zentral Brasiliens*” — Berlin, 1888.
- 15 — Colonel Langlois — “*L’Amérique Precolombienne et La Conquête Européenne*” — Paris, 1928.
- 16 — Lucien Levy-Bruhl — “*La Mentalité Primitive*” — Paris, 1922.
- 17 — Theodor Koch-Grünberg — “*Von Roraimã zum Orinoco*” - Berlin, 1923.
- 18 — Rodolfo Garcia — Capítulo Décimo do Dicionário Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil — Etnografia, Rio de Janeiro, 1922.
- 19 — Günter Tessmann — “*Die Indianer Nordost*” — Perus-Hamburg, 1930.
- 20 — K. G. Grubl — “*World Dominion Press — The Lonland Indians of Amazonia*” — London, 1927.
- 21 — Luiz Pericot y Garcia — “*La America Indigena*” — tomo I — “*El hombre americano*” — “*Los pueblos de America*” — Barcelona, 1936.
- 22 — Rivet — “*Les Langues du Monde*”, 1924.
- 23 — Júlio C. Salas — “*Etnografia Americana*” — “*Los indios Caribe*” — Madri, 1920; “*Origenes americanos*” — “*Linguas índias comparadas*” — Caraias, 1924.
- 24 — Rafael Requena — “*Vestigios de la Atlantida*” — Caracas, 1932.
- 25 — Joleand — “*Histoire bio-geographique de l’Amérique et la théorie de Wegner*” — Paris, 1925.
- 26 — Carlos Cuervos Marquez — “*Estudios Arqueológicos y Etnograficos*” — “*Prehistoria y Viajes americanas*” — Madri, 1920.
- 27 — Conde Ermano Stradelli — “*O vocabulário português-nheengatú e nheengatú-português*”, 1929;
- 28 — Monografia sobre o rio Uaupés e seus moradores indígenas e lenda histórica dos Tarias — Boletim da Real Sociedade Geográfica Italiana — Legenda dell Jurupary.
- 29 — Luiz Câmara Cascudo — “*Em memória de Stradelli*” — Manaus, 1936.
- 30 — Angyone Costa — “*Arqueologia brasileira*”.
- 31 — Melo e Silva — “*Fronteiras Guaranis*”. Com um estudo sobre o idioma *Guaraní* ou — *avañe-ê* — São Paulo, 1939.
- 32 — Henas Arrubla — “*História de Colômbia*” — Origenes Americanos. Primitivos pobladores — Civilización precolombiana — Prehistoria de Colombia — Monumentos indigenas: adoratórios de San Agustin: columnas de Leiva y Ramiriquí y cojines del diablo en Turija; obelisco de Pachó petroglifos; escritura indigena.
- 33 — William H. Prescott — “*Histoire de la Conquête du Mexico, avec un tableau préliminaire de l’ancienne civilization mexicaine*” — Apendice Première partie et seconde partie — Documents originaux — Tome 3.
- 34 — Imbelloni — “*La esfinge indiana*”.
- 35 — A. Penk — “*Wann Kamen die Indianer Nach Nordamerika*” — New York, 1928, Proceeds, 1930.
- 36 — Mendes Correia — “*Nouvelle hypothèse*” — O significado genealógico do australopithecus e do crânio de Tahgha e o arco antropológico indico.
- 37 — R. Verneau — “*Contribution à l’étude ethnographique des Indiens de l’Amazoné*” (d’après les documents recueillis par le P. Tastevin).
- 38 — Roquete Pinto — “*Rondônia*” — Antropologia, Etnografia — Arqs. do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1917.
- 39 — Fr. de Castelnau — “*Expédition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Pará*” — 6 vols., Paris, 1850 - 1851.



- 40 — W. Chandless — “Notes of a journey up the river Juruá” — Londrés, 1869.
- 41 — L. Adam — “Trois familles linguistiques des bassins de l’Amazonie et de l’Orénoque”.
- 42 — Rivet-Tastevin — “Les langues du Purus” — Le groupe pré-andin.
- 43 — H. Pittier — “Etnographic and linguistic Notes on the Paez indians of Tierra Adentro”, Cauca — Colombia, Mem. of the Am. Antrop. Ass., vol. I, part. V, pág. 301 — Lancaster, 1907.
- 44 — G. Marcano — “Etnographie pré-colombienne du Vénézuéla. Indiens Piaroas, Guahibos, Goajiros, Ceucas et Timote”, Bull. Soc. Anthr. — Paris, 1891.
- 45 — Max-Schmidt — “Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910”, Z.I.E., pág. 130, 1912. Die Paressi — Kabishi, Baessler — Archiv. t. IV, pág. 167 — Berlin, 1914.
- 46 — Rivet — “Etnographie ancienne de l’Equateur”.
- 47 — C. H. de Goeje — “Old relations between arawak, carib and tupi” — XXII C. I. A. Roma, 1926 — Atti, 1928 — I. p. 63.
- 48 — A. Jahn — “Los Aborígenes del Occidente de Venezuela, sua Historia, Etnographia y Afinidades linguisticas” — Caracas, 1927 — Vocabulário, Timote.
- 49 — Koch-Grünberg — “Die Makú”.
- 50 — Curt Nimuendajú — “As tribus do Alto Madeira” — J. S. A. P. a. s. t. XVII, 1925, pág. 137.
- 51 — M. S. Bertoni — “Civilización y Etnologia guaraní” — Puerto Bertoni, 1922.
- 52 — F. Müller — “Beiträge zur Ethnographie der Guarani” — Indianer im ostlichen Wald gebiet von Paraguay, Anthropos, XXIX — 1934, págs. 177, 441.
- 53 — Fr. Gregório Garcia — “Origen de los Indios del Nuevo Mundo e Indias Occidentales” — Valencia, 1607, 2.<sup>a</sup> edición, Madri, 1729.
- 54 — P. Gaffarel — “Étude sur les rapports de l’Amérique et de l’Ancien Continent avant Christoph Colomb” — Paris, 1869.
- 55 — H. Vignaud — “Le problème du peuplement initial de l’Amérique et de l’origine de sa population indigène” — J. S. A. P. n. s. tomo XIV, pág. 1 — 1922.
- 56 — Ameghino — “La Antigüedad”.
- 57 — E. von Rosen — “Etnographical research work during the swedish chaco Cordulex Expedition” — 1901-1902, Estocolmo, 1924.
- 58 — Fernão Cardim — “Do principio e origem dos Indios do Brasil” — Rio de Janeiro, 1881.
- 59 — Amaro Cavalcanti — “The Brazilian Language and its agglutination” — Rio de Janeiro, 1883.
- 60 — J. Creveaux — “Voyage dans l’Amérique du Sud” — Paris, 1883.
- 61 — Alfredo Escragnoille Taunay — “Vocabulário da língua Guaná ou Chané” — Provincia de Mato Grosso — Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., t. XXXVIII — pág. 11 — 1875.
- 62 — Domingos Soares Ferreira Pena — “Algumas palavras da língua dos Aruans” — Bol. do Mus. Nac. do Rio de Janeiro, vol. IV (1879) — 1881.
- 63 — Antônio Serrano — “Etnografia de la Antigua Provincia del Uruguay” — 1936.
- 64 — Heinrich I Hintermann — “Unter Indianern und Riesenschlangen” — Zürich und Leipzig, 1926.
- 65 — Paul Ehrenreich — “Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach den gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse” — Dr. A. Petermanns Mitteilung aus Justus Pether’s Geographischer Anstalt — Vol. 39. Gotha, 1891. (Tradução portuguesa do Dr. Capistrano de Abreu, publicada no Jornal do Comércio, Junho 1891, e na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — tomo VIII, 1892).
- 66 — Ricardo Franco de Almeida Serra — “Parecer sobre o aldeamento dos Indios Guaicurús e Guandás com a descrição dos seus usos, religião, estabildade e costumes” — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., vol. VII, 1845.
- 67 — Luiz d’Alincourt — “Reflexões sobre o sistema de defesa que se deve adotar na fronteira do Paraguai em consequência da revolta e dos insultos pra-

- ticados ultimamente pela nação dos índios Guaicurús ou Cavaleiros" — Cuiabá, 1826 — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., t. XX, 1857.
- 68 — Don Félix de Azara — "*Geografía Física e Esférica de las Provincias del Paraguay, y Misiones Guaranies*".
- 69 — F. Mc. Dermott, F. R. G. S. — "*The Amazing Amazon*" — London, 1933 — Lincoln Williams.
- 70 — Emílio Rivasseau — "*A Vida dos Índios Guaicurús*".
- 71 — E. Roquete Pinto — "*Ensaio de Antropologia Brasileira*".
- 72 — General Couto de Magalhães — "*Viagem ao Araguaia*" — E. def. São Paulo, 1902.
- 73 — Estêvão Pinto — "*Os Indígenas do Nordeste*".
- 74 — Pedro Calmon — "*História Social do Brasil*" — 1937.
- 75 — Garcilaso de La Vega — "*Historia del Peru*" — 2. vols. Madri, 1722.
- 76 — Alvar Nuñez Cabeza de Vaca — "*Relación de los Naufragios y Comentarios*" — Madri, 1906.
- 77 — Rómulo Cúneo Vidal — "*Historia de la Civilización Peruana*" — (Printed in Spain) — Barcelona.
- 78 — Adolfo Bonilla y San Martín — "*Los Mitos de la America Precolombiana*" — Barcelona, 1923.
- 79 — Mons. Frederico Lunardi — "*El Macizo Colombiano*" — Rio de Janeiro 1934.
- 80 — Vítor Oppenheim — "*Notas Etnográficas sobre os Índios do Alto Juruá (Acre) e vale do Uacayali (Perú)*" — Anais da Academia Brasileira de Ciências, Tomo XIII, N. 2 — 30 de Junho de 1936.
- 81 — Dr. Domingos Jaguaribe — "*Brasil Antigo — Atlântida e Antiguidades Americanas*" — São Paulo, 1910.
- 82 — Jaques Raimundo — "*Vocabulários Indígenas de Venezuela*" — Rio de Janeiro, 1934.
- 83 — Lúcio V. Mansilla — "*Una Excursión a los Indios Ranqueles*" — Buenos Aires, 1927.
- 84 — Missão Salesiana — "*Noções de Catecismo em Língua Bororo*" — Cuiabá, 1919.
- 85 — Dr. Moisés Santiago Bertoni — "*La Civilización Guaraní*" — Puerto Bertoni, 1922.
- 86 — Fray José Maria Liqueno — "*Fray Fernando de Trejo y Sanabria — Fundador de la Universidad de Cordoba*" — Córdoba, 1916.
- 87 — Dionisio Schoo Lastra — "*El Indio del Desierto*" — (1535-1879) — Buenos Aires, 1928.
- 88 — J. F. de Almeida Prado — "*Primeiros Povoadores do Brasil*" (1500-1530) — São Paulo, 1935.
- 89 — Jorge Bertolaso — "*As Línguas indígenas da América Stella*" — Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo — XXVI — 5 Etnologia.
- 90 — L. Lugones — "*El Imperio Jesuitico*" — Ensayo Historico — Buenos Aires, 1907.
- 91 — Carlos Friedr. Phil. Von Martius — "*Glossaria Linguarum Brasiliensum*" — Glossários de diversas linguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil — Erlangen, 1863.
- 92 — Do mesmo autor — "*Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*", 1844 — "*Das Naturell die Krankhetten, das Arzttthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens*" — München.
- 93 — Paulo Ehrenreich — "*A Etnografia da América do Sul ao começar o século XVIII*" — Rev. Inst. Hist. e Geog. de São Paulo — XI — 280.
- 94 — Guglielmo Robertson — "*Storia dell'America*" — Pisa.
- 95 — Hrdlicka — "*Sheletal remains suggesting or attributed to early man in North America*" — Washington, 1907.
- 96 — Do mesmo "*Early man in South America*" — Washington, 1912.
- 97 — Do mesmo "*Restes, dans l'Asie Oriental, de la race qu'a peuplé l'Amérique, Anthr. et Arch. Preh.*" — Genebra, 1912.

- 98 — Do mesmo — “*Migrations from Asia to America and their traces*” — New York, 1928.
- 99 — W. H. Holmes — “*Some problems of the American race Am. Anthr.*” — Washington, 1910.
- 100 — Do mesmo — “*On the antiquity of man in America*” — N. York, 1918.
- 101 — Do mesmo — “*Handbook of aboriginal american antiquities*” — 1919.
- 102 — Vignaud — “*Le problème initial de l’Amérique*” — 1922.
- 103 — Cl. Wissler — “*The american indian*”.
- 104 — Brinton — “*The american race*” — N. York, 1891.
- 105 — F. Boas — “*America and the Old World*” — 1924.
- 106 — W. H. Dall — “*On the geological aspects of the possible human immigrations between Asia and America*”.
- 107 — J. W. Giddley — “*Paleontological aspects of the possible human immigrations between Asia and America*”.
- 108 — A. F. Chamberlain — “*The problem from the stand pon of Linguisties*”.
- 109 — H. J. Spinder — “*Origin of civilizations in South America*”.
- 110 — Nordenskiöld — “*Origin of the indian civilizations in South America*”.
- 111 — A. Trombetti — “*Origine asiatica delle lingue e popolazioni americane*”.
- 112 — F. Boas — “*Migrations of asiatic races and cultures to North America*”.
- 113 — G. Montandon — “*L’Ologenime (ologenèse humaine)*” — Notice préliminaire — *La Revue Mondiale* — Paris — Février, 1927. — Publicado em livro em 1928, em Paris e no volume XXXIX, pág. 103, em “*L’Anthropologie*” — Paris, 1929.
- 114 — Benedito Profeta — “*O Indígena Brasileiro*” — Rio de Janeiro, 1926.
- 115 — Alfonso Fabila — “*Las Tribus Yaquis de Sonora — Su cultura y anhelada autodeterminación*” — Mexico, 1940.
- 116 — Doctor Maurício Swadesh — “*Orientaciones linguisticas para Maestros en zonas indígenas*” — Una serie de conferencias — Mexico, 1940.
- 117 — Alfred Metreaux — “*La Civilization matérielle des tribus Tupi-Guarani*”.
- 118 — Montandon — “*Traité d’Ethnologie Culturelle*”.
- 119 — Hooton — “*Racial types in America and their relations to Old World types in Diamond-Jenese*”.
- 120 — Imbelloni — “*La Esfinge Indiana — Antigos y Nuevos aspectos del Problema de los Origenes Americanos*” — Buenos Aires, 1926.
- 121 — Alfred Metreaux — “*Études sur la Civilisation des Indiens Chiriguano*” — *Revista del Instituto de Etnologia dela Universidad de Tucuman*, t. 1 — 1930.
- 122 — Max Schmidt — “*Die Aruaken, Ein Beiträge zum Problem der Kultur verbreitung*” — Leipzig, 1917.
- 123 — Keane — “*Central and South America*” — 2 vols. — London, 1901.
- 124 — Church — “*Aborigines of South America*” — London, 1912.
- 125 — Loukouka — “*La familia linguistica*”.
- 126 — Masákali — “*Estudios de linguistica comparada americana*” — *Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad de Tucuman* — t. II — 1931.
- 127 — Raimundo Morais — “*País das Pedras Verdes*” — Imprensa Pública — Manaus — Amazonas — Brasil.
- 128 — Ladislau Neto — “*Investigações sôbre a Arqueologia Brasileira*”.
- 129 — V. M. Petrullo — “*Primitive Peoples of Matto Grosso - Brazil*” — Copyright 1932 — By the University Museum.
- 130 — Villamil de Rada — “*La Lengua de Adan y el hombre de Tiahuanaco*” — La Paz, 1888.
- 131 — A. Berloin — “*La Parole humaine*” — Paris, 1908.
- 132 — Arias Montano — “*Antiquitatum Indaicarum*” — Leyden, 1593.
- 133 — Diego Andrés Rocha — “*Origen de los Indios del Perú, Mejico, Santa Fé de Bogotá, Chile*” — Lima, 1684 (reimpresso em Madri, 1891).
- 134 — Hugo Grocio — “*De origine americanorum dissertatio*” — Paris, 1642.
- 135 — Quatrefages — “*L’Homme fossile de Lagoa Santa au Brésil et ses descendants actuels*” — Moscou, 1879.

136 — Do mesmo — *“Introduction à l'étude des races humaines”* — Paris, 1887.

137 — Coronel Temístocles Pais de Sousa Brasil — *“Incolas-Selvícolas”* — Separata do Relatório apresentado ao Ministério das Relações Exteriores em 1935 pelo chefe da Comissão Demarcadora de Limites do Setor de Oeste.

138 — Major Lima de Figueiredo — *“Índios do Brasil — Prefácio do General Rondon.”*

139 — Congresso Indigenista — Pátzcuaro — *“Edución”* — Revista de Pedagogia y orientación Sindical — Número Especial — Junho de 1940.

140 — Roquete Pinto — *“Rondônia”* — Terceira Edição, aumentada e ilustrada, 1934.

#### VOCABULÁRIOS MANUSCRITOS DA COMISSÃO RONDON E INSPEÇÃO DE FRONTEIRAS:

- 1 — Tribu Nenê (Nambiquara).
- 2 — Tribu Taganani (Nambiquara).
- 3 — Tribu Caripuna (Taminari) — Rio Curupí (Uaçá do Oiapoque).
- 4 — Tribu Macú (rio Branco).
- 5 — Tribu Mayongon (Iêcona) Uraricuera — Rio Branco.
- 6 — Tribu Macuxí — Rio Branco (bacia de Uraricuera).
- 7 — Tribu Taurepã (Jaricuna) — Rio Branco.
- 8 — Tribu Caripurá (Caripuene) — rio Uaçá — Oiapoque.
- 9 — Tribu Oyamby — Rio Oiapoque.
- 10 — Tribu Galbí — Rio Uaçá (Oiapoque).
- 11 — Tribu Caripuna — Rio Uaçá (Oiapoque).
- 12 — Tribu Tacuatep — Rio Gi-Paraná.
- 13 — Nomenclatura das habitações da Aldeia dos Índios Bororos.
- 14 — Tribus Jarú, Urupá, Uemo, Pacahá-novo.
- 15 — Tribu Ariqueime (Uitat).
- 16 — Tribu Quepqueriat.
- 17 — Tribu Upixana (bacia do rio Uraricuera).
- 18 — Tribu Rangú (Tirió) Cabeceiras do rio Cuminá, Cordilheira de Tumucumaque.
- 19 — Tribu Pianacotó, Alto rio Cuminá.
- 20 — Tribu Anahuquá — rio Xingú.
- 21 — Tribu Apiacá — rio Tapajós.
- 22 — Tribu Arauá — rio Guaporé.
- 23 — Tribu Auetí — Xingú.
- 24 — Tribu Bacaeri — Alto Teles Pires.
- 25 — Tribu Barbado — Alto Paraguai.
- 26 — Tribu Bororo — Rio São Lourenço e rio das Garças.
- 27 — Tribu Camaiurá — rio Xingú.
- 28 — Tribu Congorê — rio Burití, af. Juruena.
- 29 — Tribu Guaicurú — Aquidauana.
- 30 — Tribu Ipot-uat.
- 31 — Tribu Laiana — Miranda.
- 32 — Tribu Macurape — Guaporé.
- 33 — Tribu Mundurucú — Tapajós.
- 34 — Tribu Paricí — Vale Juruena.
- 35 — Tribu Burú — Borá — Guaporé.
- 36 — Tribu Terena — Miranda.
- 37 — Tribu Uamdzê — Juruena.
- 38 — Tribu Xirihaná — rio Uraricapará.

Além desses vocabulários organizados por exploradores da Comissão Rondon (Linhas Telegráficas, Inspeção de Fronteiras e Serviço de Proteção aos Índios), no arquivo da mesma Comissão, em manuscritos a serem publicados, existem mais os seguintes trabalhos de J. Barbosa de Faria:

- a) *“Esbôço Gramatical da Língua Bororo (Boeudaro)”*.
- b) *“Estudos Paricís — Esbôço Gramatical — Vocabulário — Lendas — Cantigas e poemas”*.

a) Cândido M. S<sup>a</sup>. Rondon